1290002759
FE
TCC/UNICAMP G136c

Mariana Pires Galletta

RA 016874

Creche Filantrópica: primeira etapa da Educação Básica para o pobre?

Um estudo sobre o filantropo Nelson Noronha Gustavo Filho e a Creche Cenáculo do bairro Jardim São Marcos – Campinas (SP)

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Pedagogia
2005

UNICAMP - BIBLIOTECA

Mariana Pires Galletta

RA 016874

Creche Filantrópica: primeira etapa da Educação Básica para o pobre?

Um estudo sobre o filantropo Nelson Noronha Gustavo Filho e a Creche Cenáculo do bairro Jardim São Marcos – Campinas (SP)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação – Unicamp, sob a orientação do Prof. Dr. José Claudinei Lombardi.

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Pedagogia
2005

© by Mariana Pires Galetta, 2006.

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA:
V:
TOM: 2459
PROC: 1231206
C: X
PREÇO:
DATA: 24/03/06
Nº CPD:

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP

Galetta, Mariana Pires.
G136c Creche filantrópica : primeira etapa da Educação Básica para o pobre? : um estudo sobre o filantropo Nelson Noronha Gustavo Filho e a Creche Cenáculo do bairro Jardim São Marcos – Campinas (SP) / Mariana Pires Galetta. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : José Claudinei Lombardi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Gustavo Filho, Nelson Noronha. 2. Educação infantil. 3. Assistência social. 4. Assistência a menores. I. Lombardi, José Claudinei. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-056-BFE

A meus pais Ilda e Eduardo, que sempre me deram força e me ensinaram a lutar pelos meus sonhos

Agradecimentos

Ao Professor José Claudinei Lombardi, meu orientador, pelo acompanhamento durante a pesquisa, pela serenidade e paciência nos mais diversos momentos ao longo deste trabalho de conclusão de curso.

Á Professora Ana Lúcia Goulart de Faria, pelas diversas conversas sobre Educação Infantil e inúmeras contribuições e sugestões para aperfeiçoamento deste trabalho. Sua contribuição foi também inestimável.

Aos funcionários da Creche Cenáculo pela receptividade e interesse em colaborar com a pesquisa, colocando à disposição as informações sobre a realidade vivenciada por esta creche filantrópica.

À Maria José Ávila, orientadora pedagógica da Cemei Dr. Roberto Telles Sampaio, pelas ricas discussões à respeito das políticas públicas e as creches municipais de Campinas.

Às colegas da Faculdade de Pedagogia da UNICAMP, pela ajuda nos momentos de aperto e de dúvidas, e pelo auxílio no levantamento bibliográfico da pesquisa.

Aos meus pais, amigos e namorado, pela paciência, pelo apoio nos momentos mais difíceis do trabalho, me incentivando a ser sempre perseverante e a lutar pela realização e conclusão do trabalho.

Resumo

Ao longo do tempo, diversos foram os olhares construídos sobre a infância e diferentes foram as formas de atendimento à criança ao longo da História. Por muitos séculos, as instituições para a pequena infância estiveram permeadas por ideologias dominantes que visavam a assistência como forma de controle social. O presente trabalho aborda a presença dessas ideologias em uma creche filantrópica do bairro Jardim São Marcos, região periférica do município de Campinas. Partindo da história da instituição, analisando aspectos do passado e do presente, a pesquisa engloba as transformações no atendimento à infância a partir da nova LDB/96 que legisla a Educação Infantil e pela primeira vez fala em direito à educação para as crianças de 0 a 6 anos, como primeira etapa da Educação Básica.

A pesquisa fundamenta-se basicamente em um resgate histórico da instituição para crianças pequenas filantrópica Creche Cenáculo. Reconstituindo o contexto em que foi fundada a instituição, buscou-se compreender a concepção de infância construída pelos(as) funcionários(a), diretores(as) envolvidos com a mesma, podendo detectar-se com maior facilidade as características que ainda permanecem na atuação dos(as) profissionais desta creche filantrópica nos dias atuais.

O estudo tem como propósito mais amplo investigar como ocorreu o processo de transformação em uma creche filantrópica do bairro periférico Jardim São Marcos, no município de Campinas(SP), a partir da promulgação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, buscando identificar alguns indicadores da passagem do atendimento assistencialista que visava apenas os cuidados maternos e de saúde, para o atendimento com uma dimensão educativa, no sentido mais amplo de que cuidar e educar são indissociáveis.

Lista de Fotos

Foto 1.	Prédio da Creche Cenáculo – Jardim São Marcos – Campinas (SP)	77
Foto 2.	Crianças no playground da Creche Cenáculo – 1989	78
Foto 3.	Crianças no playground da Creche Cenáculo – 1989	78
Foto 4.	Crianças da Creche Cenáculo no Refeitório - 1989	79
Foto 5.	Crianças da Creche Cenáculo na sala em período de reformas – 1989	79
Foto 6.	Retrato de uma criança da Creche Cenáculo, moradora do Jardim São Marcos - Campinas (SP) - 1988	80
Foto 7.	Crianças reunidas na sala posando para foto - 1989	80
Foto 8.	Crianças e pajens no parque da Creche Cenáculo – s/d	80
Foto 9.	Crianças brincam e interagem entre si no parque da Creche Cenáculo – s/d	81
Foto 10.	Pajem e crianças de 0 a 3 anos brincam no "solário" da creche – s/d	81
Foto 11.	Criança e educadora estabelecem interações durante o momento do banho e da troca.	82
Foto 12.	Crianças e educadoras na Estação de Trem Anhumas	83
Foto 13.	Estagiária conta história para crianças da Creche Cenáculo	83
Foto 14.	Aprendendo o alfabeto: atividades da turma do pré em sala	83
Foto 15.	Crianças do Infantil (4-5 anos) em atividade em sala	83

Lista de Tabelas

Tabela 1.	Relação do número de crianças por turma	67
Tabela 2.	Quadro de funcionários da Creche Cenáculo	68
Tabela 3.	Metas da Creche Cenáculo - 2005	71

Sumário

1. Introdução 9

2. Objetivos 12

2.1 Objetivos Gerais 12
2.2 Objetivos Específicos: 12

3. Referencial Teórico 14

3.1 Concepção de infância 14
3.2 Histórico do atendimento à infância no Brasil 19
3.2.1 A Roda dos Expostos 19
3.2.2 Os asilos e as creches 20
3.2.3 As Escolas Maternais e os Jardins de Infância 21
3.3 As relações de poder: caridade e filantropia como dádiva 22
3.4 A Educação Infantil hoje e a legislação brasileira 24

4. Metodologia 25

4.1 Coleta de dados 25

5. O pensamento filantrópico do início do século XX 27

5.1 A República Velha e a ideologia dominante no município de Campinas (1889 a 1930) ... 29
5.2 A Educação Campineira na República Velha 33
5.3 Os Vicentinos 36
5.4 Fundamentação ideológica do Cenáculo Empreendimentos Sociais Católicos 38

6. As políticas e a Educação Infantil 48

6.1 A Legislação Brasileira e a Educação Infantil 48
6.2 Currículo em Construção: o contexto municipal 54
6.3 Um breve olhar sobre a prática pedagógica em uma creche municipal do Jd. São Marcos. 57

7. A Creche Cenáculo 61

7.1 O contexto e a dinâmica social do bairro Jardim São Marcos 61
7.2 Histórico do Cenáculo Empreendimentos Sociais 62
7.3 O Projeto de Ação Cenáculo 2005 66
7.4 Uma visão da prática das educadoras 72
7.4.1 Mudanças na prática do monitor 72
7.4.2 A função da creche para as educadoras 74
7.4.3 Um olhar sobre o passado e o presente da Creche Cenáculo: registros iconográficos, uma interpretação subjetiva 76

8. Conclusão 85

9. Bibliografia 88

10. Anexos 91

1. Introdução

Por muito tempo o caráter assistencialista esteve presente nas instituições para a pequena infância no Brasil. A partir da Constituição Federal de 1988 e posteriormente com a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, estas instituições tiveram que ir mudando paulatinamente seu enfoque para um caráter educacional, como direito das mães trabalhadoras e pais trabalhadores, rurais e urbanos, e como direito à educação de crianças de 0 a 6 anos em creches e pré-escolas.

A Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica fez com que o trabalho nas instituições para a educação das crianças pequenas não mais se restringisse a um atendimento focado apenas nos cuidados da saúde, higiene e alimentação da criança, passando a ter uma preocupação com a formação integral da criança pequena, a partir de suas especificidades e um direito à educação com profissionais na esfera pública

Durante a realização de estágio de Serviço Social em uma creche filantrópica, Cenáculo, localizada no bairro Jardim São Marcos, periferia do município de Campinas - SP, foi possível notar que a instituição analisada, baseada na assistência às famílias como princípio elementar, apresenta um discurso que concebe a creche como direito de toda mãe trabalhadora e também de toda criança. No entanto, a observação da prática da Creche Cenáculo sugere que as educadoras não percebem a instituição para a educação da pequena infância como local de encontros e construções das culturas infantis.

Neste viés, o presente estudo se propõe a pesquisar o modo como tem se dado a transição do caráter meramente assistencialista nesta instituição filantrópica, para um enfoque educativo nesta creche localizada na periferia do município de Campinas. O Trabalho de Conclusão de Curso analisa também a ocorrência atual de resquícios assistencialistas enraizados na filantropia.

A pesquisa fundamenta-se a partir da construção das diferentes concepções de infância e dos diversos tipos de atendimento à criança pequena ao longo da História na Europa e no Brasil, cada qual inserido em seu contexto histórico. No terceiro capítulo, toma-se como referência o estudo realizado por Kishimoto (1988), Kulhmann (1991) e Kramer (1995), a respeito dos diferentes tipos de instituições infantis, sendo também discutidas as relações de poder estabelecidas entre as instituições e os sujeitos acolhidos pelas mesmas.

O estudo teve como foco de investigação compreender de que forma ocorreram – ou não - as transformações na Creche Cenáculo, com a passagem do atendimento assistencialista para primeira etapa da Educação Básica, tendo como base legal a lei maior nacional, a Constituição Federal de 1988 e a Nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Desta forma, são abordados ainda no terceiro capítulo, a legislação brasileira e a Educação Infantil na atualidade.

Por se tratar de uma pesquisa histórica, foi analisada ainda ampla documentação da instituição, para que fosse possível reconstituir o cenário em que foi fundada, buscando compreender a concepção de infância manifestada pelos(as) funcionários(as) e diretores(as) envolvidos(as) com a mesma, podendo detectar-se com maior facilidade as características que ainda permanecem na atuação dos(as) profissionais desta Creche filantrópica nos dias atuais. Assim, no quarto capítulo são definidos estes procedimentos metodológicos construídos para a realização da pesquisa.

No quinto capítulo são analisados os artigos elaborados pelo filantropo e fundador da Creche Cenáculo, Nelson Noronha Gustavo Filho. O capítulo realiza uma análise do pensamento do renomado filantropo campineiro traçando um paralelo com o período em que Noronha nasceu, tendo como base um contexto histórico de intensas transformações da

sociedade campineira durante a década de 1930. Neste período, a cidade deixava de ser exclusivamente agrária, desenvolvendo seu setor industrial e comercial, o que acabou por gerar crescimento demográfico e, por conseguinte, um grande contingente de miseráveis e desempregados. Neste contexto, são incentivadas ações caritativas e filantrópicas tais quais as realizadas posteriormente pelo filantropo Noronha.

No Capítulo 6, delimita-se como pano de fundo as políticas públicas e a Educação Infantil, confrontando a prática de uma creche pública municipal com a proposta da creche filantrópica, ambas localizadas no mesmo bairro periférico de Campinas. No Capítulo 7, estas diferentes concepções de Educação Infantil são explicitadas, a partir do histórico da Creche Cenáculo, da análise do projeto de ação da instituição e da prática das educadoras, considerando o processo de transformação pelo qual a instituição teve de passar com a implementação da Lei de Diretrizes e Bases/1996, que exige formação específica dos(as) profissionais atuantes nas creches e pré-escolas brasileiras.

Finalmente, no último capítulo a partir dos dados analisados conclui-se que, com base no pensamento filantrópico do fundador Nelson Noronha Gustavo Filho, tem-se a criança apenas como um vir a ser, passível de ser corrompido pelo universo dos adultos, sendo necessária a intervenção do educador para que não se tornem futuros marginais. Ainda hoje a instituição é baseada na assistência às famílias como princípio elementar da creche, permanecendo os aspectos pedagógicos em segundo plano. Assim, as metas da assistência ainda prevalecem em relação ao trabalho educacional de provocação e incentivo às manifestações das culturas infantis, sendo desconsideradas as necessidades específicas das crianças de 0 a 6 anos atendidas na Creche Cenáculo.

2. Objetivos

2.1 Objetivos Gerais

Este estudo tem como propósito mais amplo investigar o processo de transformação ocorrido em uma creche filantrópica da periferia de Campinas, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, buscando identificar alguns indicadores da passagem de um atendimento assistencialista que visava os cuidados maternos e de saúde, para o direito à educação das crianças de 0 a 6 anos a freqüentar a primeira etapa da educação básica por opção da família, com uma dimensão educativa, no seu sentido mais amplo que considera o cuidar e o educar como indissociáveis.

2.2 Objetivos Específicos:

Em uma análise mais aprofundada, a pesquisa busca conhecer de que forma se deu o processo de mudança do caráter assistencialista para o de direito da criança à Educação Infantil em creches e pré-escolas enquanto primeira etapa da educação básica, tomando como referência o contexto histórico nacional brasileiro, em especial da cidade de Campinas e quais aspectos permanecem estáticos dentro das instituições pré-escolares e creches, após a implementação da nova LDB 9394/96, que vem legitimar a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

O presente estudo pretende, através da análise de documentos coletados, visualizar de que forma a ideologia da filantropia e da caridade influenciam o atendimento ou a educação no interior da instituição para a educação da primeira infância, Creche

Cenáculo. A partir dos dados analisados, a pesquisa procura também definir a concepção de infância que permeava a prática do fundador da Creche Nelson Noronha Gustavo Filho.

3. Referencial Teórico

3.1 Concepção de infância

A infância é uma construção biológica, cultural e política. Diversos foram os olhares construídos, ao longo do tempo, sobre a infância e diferentes foram as formas de atendimento à criança ao longo da História.

Larrosa (1999) discute a necessidade por parte da sociedade em construir e conceituar a infância como um outro. Para ele, pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. A infância como um outro não é o objeto (ou objetivo) do saber, mas é algo que escapa a qualquer objetivação e que se desvia de qualquer objetivo.

Desta forma, segundo o autor, busca-se construir uma definição de infância na tentativa de estabelecer formas de conduta, de agir e de interpretar o mundo, já construídas pela sociedade presente. Nega-se que surjam novas possibilidades de abordar o mundo que poderiam interromper a continuidade da história e que suspenderiam a certeza que temos de nós próprios.

O artigo " O enigma da infância", de Larrosa (op. cit.), retoma a relação dos regimes totalitários e a importância de se anular a infância com o propósito de evitar o nascimento de uma vida humana nova e singular, original e inovadora, que possa contestar o regime estável e certo. Por fim, Larrosa propõe o conhecimento da infância a partir do princípio de algo impossível que se torna verdadeiro, e aí se coloca a verdade enquanto algo oculto e esquecido, não algo que se oponha ao erro. Portanto, a verdade da infância está no que permanece oculto a nossos olhos, e não subordinada aos nossos conhecimentos. Desta

maneira, torna-se imprescindível repensar as conceituações e reconceituações de infância a partir do olhar do desconhecido.

A partir das idéias de Ariès (1978), podemos observar que durante muitos séculos, até o final da Idade Média, a criança foi tratada como um adulto em miniatura. Na sociedade européia tradicional a aprendizagem da criança se dava auxiliando os adultos em suas tarefas. De acordo com Ariès somente nos séculos XVI e XVII ocorrem mudanças visíveis em relação aos sentimentos de infância.

Ariès (1978) tem como sentimento de infância a consciência da particularidade infantil, que distingue a criança do adulto. Na Alta Idade Média, cita ele, havia sim a afeição pelas crianças, mas não esta consciência da infância. Quanto ao sentimento de infância, Ariès, destaca dois tipos: o de "paparicação", que surgiu no ambiente familiar com crianças menores e o de "moralização", que nasceu da necessidade de preservar e disciplinar as crianças. Este último originou-se com os "homens da lei" e religiosos e estendeu-se às famílias. Esta moralização vai inspirar a educação do século XX.

Neste contexto é discutido o "mito do amor materno" por Badinter (1995), que era tratado como um instinto maternal, não tendo a "fêmea" neste caso a possibilidade de escolha em cuidar de seus filhos, tendo que obedecer à sua natureza. Contudo, podemos observar analisando a relação entre mães e filhos desde o período da Idade Moderna que muitas vezes não se utilizaram deste instinto, relegando a outras mulheres, as amas de leite, o papel do denominado cuidado materno.

Segundo Badinter (1995), em inúmeras situações, a criança era considerada um "estorvo", um fardo para os pais, o que acabava por gerar um abandono físico e moral, sendo as crianças enviadas para as casas das amas (especialmente no caso das camadas urbanas). As dificuldades em aceitar a criança variavam desde a mulher que desejava

liberdade para freqüentar a alta sociedade e ter tempo para a vida social; até as mães que trabalhavam para sobreviver. Neste último caso, um filho poderia ser até uma ameaça à sobrevivência da família.

Badinter (1995) afirma que, até o século XVII, o pensamento agostiniano definia a imagem da criança da época, recomendando aos pais a frieza em relação aos filhos, lembrando-os da malignidade natural da criança que, conforme a Igreja Católica, se constituía enquanto fruto do pecado original e indício da corrupção humana. Para que compensassem o fato de serem corrompidas, exigia-se da família extrema rigidez na educação das crianças como forma de punição da mesma.

A infância com o passar do tempo, assim como a família, tornou-se uma instituição, e as crianças deixaram de se misturar com os adultos, mantidas à distância, enclausuradas no espaço escolar, antes de entrar em contato com o mundo externo (Badinter, 1995). A família se organizou em torno da criança, que passou a ter importância única.

Reflexo do liberalismo e, posteriormente, do capitalismo que emergia na sociedade européia, a vida cotidiana da nobreza passou a se concentrar no interior dos palácios e o espaço deixa de se abrir para o exterior. Neste espaço privado, surge um sentimento novo entre os membros da família, centralizado agora nas mulheres e nas crianças.

Segundo Hobsbawn (1977), no século XIX, a sociedade, baseada nos princípios do Liberalismo, acreditava que o crescimento econômico repousava na competição da livre iniciativa privada. Uma economia assim baseada, e portanto, repousando nas sólidas fundações de uma burguesia composta daqueles cuja energia, mérito e inteligência elevou-os a tal posição, deveria – assim se acreditava – não somente criar um mundo de plena distribuição material, mas também de crescente felicidade, oportunidade humana e razão,

de avanço das ciências e das artes, numa palavra, um mundo de contínuo e acelerado progresso material e moral (Hobsbawn, 1977).

Em um período em que fervilhavam as revoluções industriais pela Europa, por trás dos ideólogos políticos burgueses, estavam as massas, prontas para transformar as revoluções moderadamente liberais em revoluções sociais. Os proletários, descontentes e sem lugar, agitavam e insurgiam.

Neste contexto de intensas revoluções, as mulheres foram relegadas à esfera privada e doméstica, sendo exclusivamente responsáveis pela educação inicial dos filhos. Ambos, bons e puros por natureza, deveriam ser protegidos da corrupção do mundo. Assim, através da família, da maternidade e da infância transmitia-se a ideologia e os valores da época, reforçando também a importância do espaço privado (Arce, 2002)..

A criança deixa de ser objeto de risos e brincadeiras, tornando-se então objeto de ordem moral e psicológica, sendo as crianças das classes dominantes o porta voz desta moral, como exemplo para as demais que deveriam segui-las ao viver a infância (Arce, 2002).

De acordo com Arroyo (1994), no século XIX, "a criança não era" considerada como um sujeito de direitos, era simplesmente algo à margem da família, considerada como "um vir a ser". Só passaria a ser considerada um sujeito quando chegasse à idade da razão. A mudança na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira busca romper com esta noção de infância, visando a formação de um cidadão criativo, participativo, atuante, crítico e consciente de seus direitos e deveres.

Além da transformação da conceituação e visão de infância, é necessário atentarmos para as mudanças do papel do educador ao longo das últimas décadas do século XX. A respeito desta temática, Faria (1994) em *"Impressões sobre as Creches no Norte da*

Itália: Bambini si diventa", na obra *Creches e Pré-Escolas no Hemisfério Norte,* afirma que para lidar com a nova criança é preciso um novo adulto, profissional, e o estabelecimento de novas relações entre ambos, de forma que não se atribua ao adulto o papel de único detentor do saber. A própria creche deve ser também um local de educação dos adultos onde profissionais e família conhecem a criança, para que haja de fato um trabalho conjunto entre todos envolvidos no trabalho realizado nas creches e pré-escolas:

> *"Temos de deixar que as crianças nos envolvam, temos que lhes dar espaço para que expressem sua criatividade, enquanto aprendemos através delas, a não sufocar a nossa, ou ao menos a reencontrar o que dela sobrou"* (Faria: 1994, p.214).

No Brasil, o que observamos é que o caráter assistencialista era fundamental na ação do profissional da Educação Infantil desde o início do século XX como retrata Rizzini (1993) em sua obra *Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção.* A autora afirma que as intervenções da sociedade civil e do Estado sobre o universo da infância pobre eram efetivadas através da assistência caritativa filantrópica e estatal.

Em um período de intenso crescimento demográfico, alto índice de desemprego e subempregos, além de precárias condições de vida da população brasileira nos grandes centros urbanos (Carvalho, 1987), as idéias filantrópicas sobre a assistência eram motivadas pelo surgimento de uma nova ordem social. Nesta ordem social o Estado buscava realizar um governo para a população, mas também um governo sobre a população, utilizando-se de técnicas de controle social, de caráter preventivo e repressivo. A filantropia era calcada basicamente pelos saberes médicos e jurídicos, desenvolvendo projetos de assistência à infância pobre visando a prevenção do desvio e a normalização da sociedade. Conforme Rizzini:

> *"o esquadrinhamento da sociedade, a sua decomposição em unidades de análise, que abrangem desde a vida das cidades e suas instituições, até de sua população propriamente dita, atingirá a infância, mas especificamente, a infância desviante ou em perigo de tornar-se, por sua condição de pobreza(...) Os asilos são laboratórios de estudo de transformação dos menores. É o lugar por excelência do esquadrinhamento, pois lá os indivíduos estão agrupados por classes, num mesmo local, e melhor, tendo suas vidas sob a regência da instituição"* (Rizzini: 1993: p.43).

3.2 Histórico do atendimento à infância no Brasil

3.2.1 A Roda dos Expostos

No mundo colonial, o abandono das crianças acontecia de maneira intensa. Com as doenças que chegavam junto com as navegações européias, muitos filhos de indígenas ficavam desamparados, o que fez com que a Igreja passasse a se preocupar com esse fato, criando colégios de meninos e abrigos para estas crianças (Venâncio, 1997).

Com o crescimento das cidades portuárias e dos centros urbanos brasileiros dá-se consequentemente o crescimento do abandono de crianças, atingindo também a população de origem portuguesa. Preocupada com o futuro dos pobres e destas crianças abandonadas, a Igreja cria a Roda dos Expostos e os abrigos, que possuíam basicamente um caráter assistencial, dando cuidados maternais e médicos às crianças atendidas. Grande parte daqueles abandonos se dava devido à situação de miséria e indigência das famílias; em alguns casos por motivos de saúde, em outros atendia-se filhos considerados ilegítimos não aceitos pela família, e na minoria dos casos, por morte dos pais.

É somente ao final do século XIX que surgem as primeiras propostas de instituições educacionais no Brasil, ainda com forte influência do caráter médico-higienista, jurídico-policial e religioso, tendo apenas preocupação preventiva contra o crescimento da miséria e da criminalidade nos grandes centros urbanos. Estas instituições baseavam-se na

caridade ou na filantropia, eram elas os asilos e as creches que atendiam desde crianças pequenas até adolescentes menores de 18 anos.

3.2.2 Os asilos e as creches

No século XIX, atendendo em sua maioria mães trabalhadoras domésticas, oriundas das camadas populares, surgem as creches e os asilos, e para as classes mais abastadas são criadas as pré-escolas e os jardins de infância, que atendiam exclusivamente aos filhos da burguesia (Kuhlmann JR, 1991).

No século XIX surgem as primeiras instituições pré-escolares assistencialistas que atendiam as crianças filhas de trabalhadores do setor industrial. O atendimento à infância era abordado como uma dádiva dos filantrópicos e não como um direito do trabalhador. Assim, as creches conciliavam a contradição entre o papel materno e as condições da mulher pobre e trabalhadora, administradas pelos religiosos.

O enfoque dado pelas instituições era de reduzir a mortalidade infantil, dar assistência à infância também visando a luta contra a criminalidade protegendo a infância moralmente abandonada. Segmentava-se a pobreza para evitar que compreendessem sua exploração e se rebelassem contra o sistema opressor.

Desta forma, não havia preocupação educativa alguma nas creches e nos asilos, diferentemente do que ocorria nos jardins de infância da elite. As instituições pré-escolares assistencialistas tinham uma perspectiva educacional que não questionava a submissão das classes. A função dos asilos era amparar a criança provendo sua subsistência, mas sem que se esquecesse de sua condição de pobreza (Kishimoto, 1988).

3.2.3 As Escolas Maternais e os Jardins de Infância

Posteriormente à criação dos asilos e creches no Brasil, são trazidas para o país as escolas maternais e os jardins de infância, instituições que se diferenciavam das primeiras pois apresentavam uma preocupação educacional.

Segundo Kishimoto (1988), as escolas maternais surgiram na França em 1848, na tentativa de substituir as desgastadas instituições assistenciais conhecidas como salas de asilo. Foi apenas ao final do século XX que passaram de fato a diferenciar-se destas instituições. Foram incluídos em sua prática objetivos como: o desenvolvimento físico, intelectual e moral da criança. A mudança do nome destes estabelecimentos infantis permitiu que se combatesse o preconceito contra instituições que atendiam crianças pobres e abandonadas.

A escola maternal francesa transformou-se em escola infantil alfabetizadora ao enfatizar trabalhos como leitura coletiva de palavras usuais e frases simples ou exercícios de linguagem, integrados a outros conteúdos Desconsiderava, portanto, as necessidades reais das crianças.

Conforme Kishimoto (1988), no Brasil, as escolas maternais eram voltadas para crianças órfãs ou filhas de operários. Enfocavam o atendimento à infância e às mães trabalhadoras. Eram consideradas mais apropriadas para o desenvolvimento de crianças brasileiras por funcionarem em período mais curto e serem mais exigentes que os jardins de infância

Os jardins de infância ou "kindergarten", criados por Frederico Guilherme Froebel em 1840 na Alemanha, destinavam-se à educação de crianças entre 3 e 7 anos, através de atividades que envolviam a formação religiosa, os cuidados com o corpo, a observação da natureza, o aprendizado de cantos e poesias, exercícios de linguagem, trabalhos manuais,

desenho, conto de lendas e realização de viagens e passeios. Froebel pretendia, através deste currículo, estimular o desenvolvimento integral da criança, o que distinguia os jardins de infância dos asilos e orfanatos da época.

Conforme Kishimoto (1988), no Brasil, seguindo efetivamente a orientação de Froebel, os primeiros jardins de infância foram de iniciativa particular, destinados à elite. Paralelamente, alguns imigrantes contribuíam em algumas escolas voltadas para a pequena infância de iniciativa privada, trazendo as idéias froebelianas.

A educação pré-escolar no meio privado caracterizou-se como legitimação dos interesses privados, atraindo famílias mais abastadas através de propagandas, ao diferenciar os jardins de infância dos asilos e creches voltados para os pobres (Kuhlmann, 1991), em que se recebia uma educação exclusivamente racional.

3.3 As relações de poder: caridade e filantropia como dádiva

Conforme vimos acima, havia uma dualidade no sistema educacional brasileiro. Enquanto os jardins de infância, voltados para as classes abastadas, possuíam preocupações educativas, não as abarcavam as creches e asilos, que focavam as crianças das camadas populares.

As instituições pré-escolares assistencialistas tinham uma perspectiva educacional coerente com as proposições de assistência científica, dirigidas à submissão das classes populares (Kuhlmann, 1991). Buscavam isolar as crianças pobres na tentativa de evitar que tivessem contato com o mal e com as ruas. Preparavam-nas para o futuro, sem que, no entanto, tivessem a mesma educação que as elites, pois acabariam tomando consciência de sua realidade de oprimidos.

Segundo este autor, os asilos deveriam retirar os menores desamparados das ruas, promoverem sua subsistência, dar-lhe melhores condições de saúde, educá-los e instruí-los, sem que se esquecessem das suas condições de pobreza.

Desta forma, as ações caritativas e filantrópicas não visavam transformações na condição social das crianças atendidas, mas apenas o controle das camadas populares que se constituíam como ameaça às elites.

Conforme Pedro Demo, autor adotado em faculdades conceituadas de Serviço Social, na filantropia e na assistência caritativa vemos uma prática em que se fomenta a dependência irreversível, exigindo dos pobres que abdiquem de sua autonomia, deixando as soluções de seus problemas nas mãos dos outros (Demo, 2002). Os auxílios geralmente são residuais, proporcionais à condição residual da respectiva população beneficiária.

Demo afirma que o fenômeno do poder é constituído na desigualdade, não apenas na diferença, pois se não existe o lado que predomina não há o que se submete, não ocorrendo o fenômeno da submissão. Assim, o discurso da solidariedade tende a esconder os processos de dominação, ainda que subliminares e imperceptíveis. O discurso da ajuda, da mesma forma, pode esconder estratégias de subalternidade, a começar pelo fato de que quem ajuda está em posição vantajosa.

De acordo com Demo, por trás das ações das elites há sempre alguma intenção. Da mesma forma, ocorre ainda hoje ao se propor programas de renda mínima ou de solidariedade. Caracterizam-se como táticas do cultivo da pobreza política da população, que imbecilizam o pobre, dando lhe restos e, sobretudo, impedem que formem uma capacidade crítica e autocrítica.

Desta forma, a assistência caritativa e filantrópica, ao invés de provocar a emancipação do beneficiário, apenas legitima sua condição de pobreza, estigmatizando-o

cada vez mais ao impor o contentamento com os restos da parte nobre doados pela elite dominante e opressora.

Segundo Demo (op. cit.), excluído irremediável é aquele que não se sabe excluído, imaginando que toda solução há de vir pela doação de outrem. Mas ainda mais grave é ser pensado pelos outros. Quando a elite se apropria de sua cabeça, a pobreza política indica a condição de massa de manobra, objeto de manipulação e subalternidade permanente.

Assim, conforme o autor, as ações assistencialistas quando buscam a solução da questão da fome apenas matando a fome, não solucionam de fato a situação, pelo contrário, apenas alimentam a condição de pobreza da população. Para Demo, é construindo as condições necessárias para combater a fome e a pobreza com a devida autonomia, através da emancipação, que se resolvem estas questões.

3.4 A Educação Infantil hoje e a legislação brasileira

Décadas se passaram e por muito tempo o caráter assistencial esteve presente nas instituições pré-escolares. Foi somente com a Constituição Federal de 1988 e, posteriormente, com a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, que foi proposto que estas instituições mudassem seu enfoque para o caráter educativo e pedagógico, em que há uma preocupação com a formação completa do ser humano e a construção de todas as dimensões humanas, cognitiva, motora, afetiva, emocional, imaginária, artística e cultural, não sendo mais apenas um atendimento voltado apenas para os cuidados maternos de higiene e alimentação.

A vinculação de creches e pré-escolas ao nosso sistema educacional representa uma conquista do ponto de vista da superação de uma situação administrativa que mantinha

um segmento de instituições educacionais específico para os pobres, segregado do ensino regular, com todo o peso dos preconceitos relacionados a isso (Kuhlmann, 2005).

Pela primeira vez são referidos direitos específicos das crianças sem ser os circunscritos no Direito da Família. Além do mais, na nova Constituição (1988) a infância deixa de ser objeto apenas dos cuidados maternos familiares e passa a ser também objeto dos deveres públicos do Estado e da sociedade como um todo.

A instituição infantil deixa de ser direito exclusivo de amamentação da mãe trabalhadora (conforme CLT 1943), se constituindo enquanto espaço no qual crianças convivem com seus pares e outros adultos, por opção da família.

Com a implementação da Constituição de 1988, as creches e pré-escolas passam a ser direito também da criança. Educação e Assistência se tornam direito da mesma criança. Além do mais, os pais trabalhadores rurais e urbanos, independente de serem casados com a mãe, também adquirem o direito à licença paternidade.

4. Metodologia

4.1 Coleta de dados

A pesquisa foi desenvolvida na Creche Cenáculo, de característica filantrópica no Jardim São Marcos, periferia da cidade de Campinas, no Estado de São Paulo e fundamenta-se basicamente no resgate histórico a partir de documentações, jornais, fotos e entrevistas a respeito do tipo de atendimento realizado pela entidade no período que antecedeu à LDB/96 e posteriormente a ela.

Através desta investigação, reconstituindo-se o cenário em que foi fundada a instituição, buscou-se compreender a concepção de infância manifestada pelos funcionários

e diretores envolvidos com a mesma, podendo detectar-se com maior facilidade as características que ainda permanecem na atuação dos profissionais desta Creche filantrópica nos dias atuais.

Foram ouvidos depoimentos e realizadas entrevistas semi-abertas com funcionários, monitores, professores, pedagoga, assistente social e mães da Creche Cenáculo, objeto de estudo da pesquisa. Os depoimentos tiveram o propósito de resgatar como foi concebido e como se constitui atualmente a educação nas creches filantrópicas e quais as suas prioridades.

Para que se obtivessem resultados mais ricos e fidedignos aos acontecimentos e atendimentos na instituição, antecedentes e posteriores à implementação da Lei 9394/96, foram consultados acervos históricos como o Centro de Memórias da Unicamp e o arquivo da FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas). Nestes acervos foram pesquisados documentos, fotos e reportagens.

Foi analisada ainda ampla documentação da instituição, tais como o estatuto que regia a entidade Cenáculo Empreendimentos Sociais Católicos no período que antecedeu a inauguração da creche (1982) e em data após a sua fundação (1983 e 2005), , atas e relatórios de reuniões, o plano de ação da creche do ano de 2004 e de 2005 e fotos dos trabalhos desenvolvidos.

5. O pensamento filantrópico do início do século XX

A assistência ao outro é prática antiga na humanidade. A solidariedade social diante dos pobres, dos doentes, dos incapazes, dos mais frágeis, se inscreve sob diversas formas nas normais morais de diferentes sociedades. Ao longo do tempo grupos filantrópicos e religiosos foram conformando práticas de ajuda e apoio. Esta ajuda se guiou pela compreensão de que na humanidade sempre haverá os mais frágeis que carecerão de ajuda, sendo desafio do homem superar estas dificuldades e necessidades.

Segundo Sposatti (2003), a benemerência como um ato de solidariedade foi se constituindo em práticas de dominação, substituindo o direito à assistência pela benevolência de almas piedosas.

De acordo com Rizzini (1993), até o final da década de 1930, dois eram os moldes de assistência predominante, a caridade e a filantropia. Havia neste período uma disputa na qual a caridade acusava os ideais filantrópicos de serem impiedosos e destituídos de fé, e por outro lado, a filantropia apontava a desorganização e a falta de cientificismo dominantes na assistência caritativa.

Com o tempo ambos os modelos absorvem métodos e pontos de vista do outro e tornam-se compatíveis, pois, em última análise apresentavam o mesmo objetivo que era o da proteção da ordem social e não a promoção social de fato. Para Rizzini (1993), a disputa entre caridade e filantropia era então nada mais que uma disputa política e econômica pela dominação sobre o pobre.

A Filantropia tinha como objetivo organizar a assistência, direcioná-la às exigências sociais, políticas, econômicas e morais que nascem com a República, tendo

UNIC

fortes influências do Positivismo que visava o progresso das ciências e exigia a ordem social.

Em um período que o país se voltava para um modo de produção capitalista, o trabalho assume caráter moral, sendo possível através dele engrandecer a pátria. Com a ascensão da burguesia urbana e o crescimento industrial surge a necessidade de formar um contingente de trabalhadores, substituindo-os no lugar dos grevistas e daqueles que pregavam a revolução social.

Através da filantropia, a burguesia toma, então, o dever de dirigir a vida dos jovens trabalhadores considerados propensos à criminalidade, através de ações preventivas, qualificando os jovens para o trabalho. Como as ações filantrópicas não davam conta de controlar a criminalidade juvenil, a partir de 1941, passaram a encarcerar crianças e adolescentes em instituições fechadas.

A ciência médica serviu como justificativa da ação filantrópica, discutindo as questões de higiene e eugenia, defendendo também a bandeira do aperfeiçoamento moral que permitiria o engrandecimento da pátria. Neste viés, medicina e direito eram utilizados como técnicas de controle social, utilizadas pela filantropia.

A filantropia fazia crítica às instituições caritativas devido às altas taxas de mortalidade infantil, à educação exclusivamente religiosa dos internos, ao tratamento indiscriminado e não especializado dos menores, e ao desrespeito aos preceitos de higiene. A principal crítica era, portanto, a falta de cientificidade no atendimento à criança.

Possuía duas faces, uma econômica, baseada na formação de uma futura mão-de-obra, através da educação profissional, e outra moral, que visava a proteção moral dos "inocentes". Ligado às justificativas econômicas e políticas estava a prevenção da desordem que o excesso de miséria poderia gerar (Rizzini, 1993).

5.1 A República Velha e a ideologia dominante no município de Campinas (1889 a 1930)

Para a compreensão do pensamento caritativo e filantrópico do final do século XIX e até meados do século XX, é necessária a análise e o estudo do contexto em que estas práticas estavam inseridas.

No período que corresponde à Primeira República no Brasil, ou República Velha, constantes foram as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais nos grandes centros urbanos.

Um dos primeiros fatores, apontados em estudo feito por José Murilo de Carvalho (1987), foi de natureza demográfica. Com a abolição da escravidão grande contingente de pessoas migrou da zona rural para o meio urbano em busca de melhores condições de vida. Paralelamente, ano a ano, crescia a chegada de imigrantes que vinham tentar no Brasil uma vida melhor. De forma concomitante, o restante da mão-de-obra escrava lançou-se no mercado de trabalho livre, crescendo também o número de subempregos e desempregos.

Grande quantidade de pessoas assumiu ocupações mal remuneradas ou não possuía ocupação fixa, vivendo na fronteira entre a legalidade e a ilegalidade. O depoimento de um embaixador português retrata com perfeição a visão que se tinha do Rio de Janeiro, um dos maiores centros urbanos do país ao afirmar que estava a cidade "*cheia de gatunos e malfeitores de todas as espécies*" (Carvalho, 1987, p.18). Ou ainda quando analisamos a fala de Evaristo de Moraes observamos o pensamento de que na capital havia *"gente desocupada em grande quantidade sendo notável o número de menores abandonados"* (Op. cit. p. 18).

Com o crescimento demográfico agravavam-se os problemas de habitação em quantidade e qualidade. A falta de abastecimento de água, de saneamento e de higiene também contribuíam para o surgimento de surtos de várias epidemias, gerando altas taxas de mortalidade infantil. As camadas populares, vítimas desta situação, eram vistas pela burguesia como potencialmente perigosas, como sugere a referência feita pelo embaixador português ou como descrito por Evaristo de Moraes.

Carvalho (1987) descreve ainda que a economia neste período histórico vivia um momento turbulento, de alta especulação cafeeira, em função da abolição da escravatura. Com a chegada dos imigrantes, o custo de vida aumenta, amplia-se a oferta de empregos, no entanto, a disputa pelos mesmos aumenta.

Ao mesmo tempo, os grandes centros urbanos, passavam por grande movimentação no mundo das idéias e das mentalidades, convivendo juntos pensamentos com influência do liberalismo, do positivismo, do socialismo e do anarquismo.

Compunha o grupo dos socialistas, intelectuais de classe média que acreditavam que através de propostas socialistas seria possível democratizar a República. Na ausência da apresentação de propostas democráticas pelo governo, surgem as propostas anarquistas, como alternativas radicais para a organização política do país. Este grupo era composto por intelectuais de classe média, operários, estrangeiros e brasileiros.

Por outro lado, as elites acreditavam ter conquistado a liberdade com a Proclamação da República. Por terem deixado de se submeter ao imperador enquanto filhos, afirmavam ter se emancipado de padrões de moral e honestidade impostos pelo monarca (Carvalho, 1987).

Além das mudanças no plano econômico, social, político e ideológico, podemos constatar que muitas foram as transformações quanto aos valores morais e aos costumes da

época. Com o alto índice de população marginal e de imigração, desequilíbrio entre os sexos, baixa nupcialidade e alta taxa de nascimentos ilegítimos os costumes tornavam-se mais "soltos" e flexíveis. De certa forma, o fim da Monarquia só viria legitimar publicamente o que no Império era escondido da sociedade.

Diante de toda marginalidade, dos problemas de habitação, saúde e higiene apontados pelas elites da época, uma prática apontada por Carvalho (1987) muito observada nas grandes capitais e também em campinas foram as obras públicas de reforma urbana e saneamento, que desapropriavam casas e prédios comerciais para a construção e alargamento de avenidas.

Com o alto índice de epidemias, dentre elas a febre amarela, a peste bubônica e a gripe espanhola, instaurou-se uma imensa preocupação em exterminar os focos de doença, através da extinção dos insetos e ratos, do isolamento dos doentes em hospitais e da limpeza e desinfecção de ruas e casas.

O alvo preferido dos médicos e agentes de saúde eram as áreas mais pobres e de maior densidade demográfica, onde se concentravam os maiores focos das doenças. Exigia-se então dos proprietários que desocupassem as casas, desapropriando-as para demolição ou reforma.

Em Campinas, o cenário não se diferenciava muito das grandes capitais. Havia fortes sinais de urbanização e crescimento industrial. Com a substituição da mão-de-obra escrava pela livre grande número de imigrantes se dirigiu à cidade. Com a imigração e o crescimento econômico ocorreu o desenvolvimento urbano, acelerando o processo de modernização da sociedade campineira.

Campinas, que já havia conquistado enormes riquezas no período de produção da cana-de-açúcar, passava agora por momento de muito crescimento com a produção do café,

o que propiciou uma série de melhoramentos materiais que beneficiaram a sociedade, estabelecendo preocupações de ordem cultural e artística, social e religiosa.

Após a proclamação da República, e durante toda República Velha, Campinas continuou sendo um pólo de desenvolvimento importante no interior do estado de São Paulo, embora tenha passado por dois períodos críticos que abalaram sua população. Conforme apresenta Nascimento (1999), no período de 1889 a 1892 epidemias de febre amarela avassalaram a cidade, proporcionando um grande número de mortes e de êxodo de grande parte da população de as empresas instaladas em Campinas. Em 1918, outra forte epidemia dominou a cidade. Um surto de gripe espanhola tornou a causar imensa quantidade de óbitos.

Apesar das epidemias os processos de urbanização e industrialização continuaram acontecendo, permitindo que se consolidasse a transformação da cidade provinciana em um complexo centro urbano moderno. Durante este processo de transição, o moderno e o arcaico conviviam juntos, estando o poder concentrado nas mãos dos grandes barões do café (Nascimento, 1999).

No meio rural, a força de trabalho era constituída por colonos ou camaradas, pequenos proprietários, em geral imigrantes, e negros agregados. Enquanto no meio urbano a classe trabalhadora era composta por operários, ferroviários, alfaiates, carpinteiros, funcionários públicos, profissionais liberais, professores, dentre outros. Havia também indústrias rurais de transformação e beneficiamento de algodão e café que empregavam grande quantidade de pessoas.

De acordo com Nascimento (1999), neste período, havia um significativo número de associações, tanto da elite quanto das classes populares. Paralelamente às associações aconteciam manifestações, greves, abaixo-assinados, ofícios e reclamações encaminhadas à

Câmara Municipal, como forma de expressão das diversas categorias sociais e exigência de seus direitos.

Na década de 1920, houve grande desenvolvimento no campo cultural, reflexo do momento vivido em todo contexto nacional. Além da presença da imprensa nos diversos setores, diversos foram os teatros inaugurados no período entre 1850 (Teatro São Carlos) e 1965 (Teatro Municipal). O Teatro Municipal constituía-se enquanto espaço de convivência entre as diferentes classes sociais, sendo um local também freqüentado pelas camadas populares da sociedade.

5.2 A Educação Campineira na República Velha

Com o processo acelerado de mudanças, decorrentes fundamentalmente da urbanização, da abolição da escravatura, do conseqüente movimento migratório rumo às cidades e do estabelecimento de novos modelos políticos, aumentou também no município de Campinas o número de escolas e instituições educacionais.

Em 1870 se contabilizavam apenas cinco escolas públicas no meio urbano, sendo a grande maioria das instituições de ensino privado voltadas à elite campineira (Nascimento, 1999). Neste período, a grande maioria das escolas públicas se localizava na zona rural, devido ao fato de que a maioria da população ainda residia na zona rural.

Após os surtos de febre amarela entre 1889 e 1892,o poder público aumentou o número de escolas, ampliando as oportunidades de atendimento das camadas populares impossibilitadas de custear sua educação.

De acordo com Nascimento (1999), dentre as escolas particulares em 1891, faziam parte: Culto à Ciência, Colégio Internacional, Instituto Campineiro, Escola Corrêa de

Mello, Escola Luiz Gama, Escola Progresso Brasileiro, Colégio Maria Cerqueira, Escola Malaquias Guirlanda, Independência e por fim, o Asilo de Órfãos.

O ensino público estadual mantinha uma escola profissional, um ginásio e uma escola de formação de professores. As escolas profissionais ofereciam artes femininas, mecânica e marcenaria, sendo estas duas últimas voltadas para os alunos do sexo masculino. O ginásio era predominantemente freqüentado pelos rapazes, enquanto a Escola Normal e Profissional pelas moças.

Algumas escolas objetivavam a transmissão da cultura e ideais nacionalistas estrangeiros. Outras veiculavam através de seu ensino ideologias como o Fascismo e o Anarquismo.

Havia também uma escola mantida pela Sociedade dos homens de cor, o Colégio São Benedito, destinado a crianças negras, embora houvesse dentre seus alunos crianças brancas.

Em 1927 foi criado o Orfanato João Nery, de iniciativa religiosa, que tinha por objetivo dar educação e trabalho aos meninos negros desamparados. Algumas associações de caridade mantinham escolas primárias tal como a Associação Amiga dos Pobres e a Associação São Vicente de Paula. A Sociedade Feminina de Assistência à Infância administrava uma creche subvencionada pelo Estado.

Segundo Nascimento (1999), com exceção das instituições de caráter assistencial ou filantrópico, todos os estabelecimentos particulares de ensino cobravam por seus serviços, dificultando o acesso à maioria da população. A clientela provinha da classe alta nos grandes colégios, e da classe média, principalmente nas escolas profissionalizantes que davam a perspectiva de um emprego digno e permitiam a ascensão social de seus alunos.

Cunha (1999) retrata os valores e a moral da época, transmitidos às futuras esposas e mães, alunas do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. O objetivo dos colégios de elite para moças era formar damas cristãs, cultas, virtuosas, polidas, sociáveis, católicas convictas que difundissem, na família e na sociedade, os valores do catolicismo romanizado:

> *Educanda deve ser solidamente formada nas virtudes preceituadas pela moral ultramontana e deve Ter um ornamento cultural compatível com o lugar que ocupa ou ocupará na sociedade* (Nascimento: 1999, p.179).

Os colégios voltados para órfãos e crianças pobres também eram dotados de forte moral cristã. Guiados pela caridade ou pela filantropia, objetivavam recolher os meninos abandonados das ruas, evitando que se tornassem futuros marginais, educando a partir dos valores cristãos.

Em Campinas, um bom exemplo de escola católica de caridade foi o Liceu Salesiano de Nossa Senhora Auxiliadora. Embora atendesse os filhos da elite da região, nos primórdios era parcialmente formado por desvalidos.

Admitiam-se gratuitamente órfãos de pai e mãe nas oficinas profissionalizantes, encaminhados por D. Nery e pela prefeitura municipal. Ao longo dos anos, além dos alunos pobres, o Lyceo passou a ter muitos filhos de colonos imigrantes.

Para Dom Bosco, o internato, a educação cristã, o desenvolvimento intelectual, moral e social diminuíam a possibilidade dos jovens sem família se entregarem aos vícios, favorecendo sua reintegração social. Em Confederação de São Vicente em Buenos Aires, 1877, afirma que:

> *Recolhendo meninos abandonados, aqueles que seriam para sempre um flagelo da sociedade civil tornam-se bons cristãos, honestos, cidadãos, glória dos lugares onde moram, decoro da família a que pertencem, ganhando honestamente o pão da vida com o suor e com o trabalho* (Negrão: 1999, p.200).

Assim, se contrapondo às congregações e instituições religiosas como as dos jesuítas e lazaristas, a congregação salesiana privilegia as classes mais pobres, no intuito de "salvar" os menores órfãos das seqüelas da sociedade.

A moral cristã ao final do século XIX e início do XX estava desta forma, muito presente nas instituições católicas de ensino privado do município de Campinas, que ao atenderem, ocasionalmente, órfãos pobres, também os doutrinava a partir de suas crenças e valores.

5.3 Os Vicentinos

Ao final do século XVII até meados do século XVIII, a sociedade européia baseava-se nos princípios do Liberalismo, acreditando que o crescimento econômico repousava na competição da livre iniciativa privada. Visando incrementar as indústrias e estimular a economia, aumentava cada vez mais a migração do campo para a cidade.

Se opondo aos interesses capitalistas da burguesia estavam as massas e o grande contingente de trabalhadores operários das grandes indústrias. Inseridos em um ambiente extremamente disciplinador e desumano, estes trabalhadores eram submetidos a longas jornadas de trabalho que exigiam diferentes qualificações e muita disciplina (Arce, 2002). Muitos trabalhadores rurais acostumados com o antigo ritmo de trabalho para a subsistência, eram acusados de vagabundagem e sujeitados a leis severas, sendo obrigados a se render ao sistema que se instaurava.

Esta exploração gerou um sentimento de ódio e repulsa por parte dos empregados das indústrias em relação a seus patrões burgueses, o que acabou fazendo com que eclodissem diversas revoluções por toda Europa (Hobsbawn, 1987). Neste contexto foi fundada a Sociedade São Vicente de Paulo visando atender as camadas populares, que vagavam pelas ruas de Paris, preocupando a burguesia ascendente.

A Sociedade de São Vicente de Paulo, é uma organização e um movimento católico internacional de leigos, fundada em Paris, França, no ano de 1833, A Sociedade de São Vicente de Paulo foi criada em Paris por um grupo de estudantes católicos, chamado Conferência de História, conduzido por Emmanuel Bailly, o fundador da Tribuna Católica e colega de Félicité Robert de Lammenais.

A idéia era de fundar uma obra para jovens, cujo ideal de caridade consistia na visita aos pobres. A sociedade baseia-se em ações de caridade, através de doações e contribuições por parte dos próprios Vicentinos:

> *Colocada sob o patrocínio de São Vicente de Paulo, inspira-se no pensamento e na obra deste Santo, esforçando-se, sob o influxo da justiça e da caridade, para aliviar os sofrimentos do próximo, mediante o trabalho coordenado de seus membros. Fiel a seus fundadores, tem a preocupação de renovar-se constantemente e adaptar-se às condições mutáveis do mundo. De caráter católico, está aberta a quantos desejam viver sua fé no amor e no serviço a seus irmãos. A unidade da SSVP no mundo é representada por sua REGRA (REGULAMENTO). Busca, incansavelmente, um trabalho de maior contato e aproximação com a Igreja, através do Clero.*
>
> *Nenhuma obra de caridade é estranha à SSVP. Sua ação compreende qualquer forma de ajuda, por contato pessoal, no sentido de aliviar o sofrimento e promover a dignidade e a integridade do homem. A SSVP não somente procura mitigar a miséria, mas também descobrir e remediar as situações que a geram. Leva sua ajuda a quantos dela precisam, independentemente de raça, cor, nacionalidade, credo político ou religioso e posição social: daí a existência das chamadas Obras Unidas (asilos, creches, hospitais, etc.)* (http://www.caridade.org.br/internas/ssvp_geral.htm)

Podemos observar que a caridade é o pilar de seus participantes, colocando no mesmo ato o destaque sobre o lugar das obras caritativas na Igreja. É de tradição prestar

conta da atividade vicentina ao Papa, ao Bispo, ao Pároco e estar sempre prontos a associar a ação do Movimento à das organizações eclesiais que o desejem.

Os espíritos da partilha e do voto de pobreza também fundamentam a ação dos vicentinos:

> *Não se pode entrar em diálogo com os pobres, senão sendo também pobres em alguma coisa. Sentir isto é uma das graças mais profundas que pode receber o "visitador dos pobres". A cada um, segundo sua vocação própria, compete ser testemunha da primeira das beatitudes, vivendo o espírito de pobreza, inseparável de algum despojamento voluntário ou acidentalmente sentido ou aceito de maneira concreta e vivida.*
> *O espírito é, antes de mais nada, espírito de partilha: a vontade de não reter as riquezas sem bom uso. Salvo caso excepcional, o "voto de pobreza" (no sentido dos religiosos) não é algo compatível com as responsabilidades de um leigo, mas é ainda maneira de pobreza, em sentir nossas riquezas, nossos talentos como dirigidos incondicionalmente ao serviço do bem comum e, antes de tudo, ao serviço de nosso próximo mais deserdado* (http://www.caridade.org.br/internas/ssvp)

A comunidade vicentina foi quem inspirou Nelson Noronha Gustavo Filho, um dos grandes filantropos de Campinas, em diversos dos seus empreendimentos sociais e contribuiu para a sua filosofia de caridade e filantropia. Noronha e seus colegas vicentinos trabalhavam distribuindo cestas básicas em bairros da periferia campineira, dentre outras ações de assistência caritativa. Veremos a seguir um pouco da influência deste pensamento na fala e nas ações deste famoso filantropo do município de Campinas.

5.4 Fundamentação ideológica do Cenáculo Empreendimentos Sociais Católicos

A partir da análise de documentos, fotos e artigos escritos pelo fundador do Cenáculo Empreendimentos Sociais Católicos, Sr. Nelson Noronha Gustavo Filho, foi possível traçar o perfil da entidade, a ideologia que a fundamentava e ainda hoje é referencial para a prática da Creche Cenáculo.

Fundada em 1982, a Creche Cenáculo, atualmente vinculada à entidade SPES – Serviço de Promoção Social da Paróquia de São Paulo Apóstolo, sempre esteve ligada à filantropia e aos valores cristãos.

Embora em 1982 ocorressem diversas discussões a respeito dos direitos sociais e da creche enquanto direito das famílias trabalhadoras e de toda e qualquer criança sem distinções, a instituição possuía fortes traços de assistencialismo e caridade, funcionando como um mero depósito de crianças, sem intencionalidade educativa, atendendo somente crianças filhas de mães assalariadas, apesar de seu estatuto afirmar que visava o atendimento de toda criança sem distinção de classe, cor, sexo ou religião. A instituição contava sempre com a ajuda dos fiéis da Igreja São Paulo Apóstolo e outros voluntários, dispostos a fazer "o bem aos pobrezinhos".

Estas idéias estão freqüentemente presentes na fala de Noronha, o que se observa em cartas aos "rotarianos" e à Federação de Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC). Seu discurso é pautado por uma fala cristã, vinculando sua dedicação aos "pobres necessitados" com o seu dever de cristão católico em oferecer o que há de melhor aos que nada têm:

> *A lição de Häring, um dos grandes teólogos da Alemanha. Escreve ele: 'A ponte do amor a Deus não alcança a margem da eternidade num só lanço; necessita do apoio intermediário do amor ao próximo* (Carta à FEAC de Nelson Noronha Gustavo Filho: Meus amigos da FEAC, 1995).

Em muitos momentos, Dr. Nelson se refere ao seu trabalho caridoso como um dom divino que deve ser compartilhado com os necessitados e utilizado para a solução da miséria. Assim como nas práticas assistenciais do início do século, o atendimento à infância

é visto não como um direito do trabalhador ou da criança, mas sim como uma dádiva dos filantropos (Kuhlmann, 1991):

> *Aqueles a quem Deus deu* ***dotes intelectuais*** *devem aplicá-los na solução de extinguir no Brasil, os bolsões de miséria.* ***Pobres sempre existirão na face da Terra****, são como ondas do mar que batem há milênios nas praias, mas miseráveis é uma chaga no tecido social do Brasil e o tecido envenenado pode levar a conseqüências imprevisíveis.* ***Para bom entendedor meia palavra basta****. Nos últimos anos da vida caio de joelhos e rogo a todos aqueles que singram os mares na barca da caridade que levem a palavra de Jesus a toda parte e que a travessia lhes seja suave. Que apliquem sempre os talentos que Deus lhes deu na obra divina de suavizar a vida dos pequeninos – repito sempre* (Carta à FEAC de Nelson Noronha Gustavo Filho: Meus amigos da FEAC, 1995).

Passado um século do início da assistência caritativa, das rodas e dos asilos, a filosofia da caridade permanece como fundamentação teórica da prática social e pedagógica da Creche Cenáculo. Como vimos, este discurso compõe principalmente a ideologia do fundador da creche.

A idéia subjacente das instituições de caridade é de que alguns (os caridosos) possuem o poder de perdoar e enquanto outros (os pobres) precisam ser perdoados e submetidos à bondade dos primeiros (RIZZINI, 1993). No século XIX estes atos enobreciam a riqueza e protegiam a sociedade do convívio com as desigualdades sociais. Estabelecia-se nesta relação a submissão do pobre em relação ao rico, tal qual a infância para os adultos: *"O infortúnio é uma grande, difícil, e passageira lição. A riqueza aparece guiada pela previdência para guiar a primeira, e enobrecer a segunda"* (Brazil apud Rizzini: 1993, p. 53).

A pobreza é camuflada e não enfrentada. A pessoa beneficiária não é vista como cidadã, vivendo sob a tutela dos caridosos e filantropos, sem que ocorra de fato sua libertação e que se torne autônoma (Demo, 2002). O próprio filantropo admite acreditar que

a pobreza não possa ser combatida ao afirmar com palavras duras que *pobres sempre existirão na face da Terra* (Gustavo Filho, Carta à FEAC, 1995). Desta forma, o que procura se combater é apenas a miséria, havendo um contentamento com a situação de pobreza, que é naturalizada por Noronha.

De acordo com Demo (op. cit.), esta prática apenas fomenta a dependência irreversível, exigindo dos pobres que abdiquem de sua autonomia, deixando as soluções de seus problemas nas mãos dos outros. Os beneficiários desistem então de serem sujeitos de história própria, esperando que outros pensem e ajam por eles.

Justifica-se a intervenção da entidade a partir de uma necessidade, constatada pelo filantropo, de que o pobre anseia por amor e carinho muito mais que por bens materiais: *"querem ser tratados como filhos de Deus"*.

Contudo, o que se percebe é que na prática se legitima uma submissão da comunidade em relação à entidade. A terminologia adotada por Noronha e por outros dirigentes da entidade torna clara a imagem da população que é construída por aquela sociedade cristã e pela filantropia. Termos como "pobrezinhos", "favelados" e "necessitados" são freqüentemente utilizados em documentações, atas de reuniões e artigos escritos à FEAC, diminuindo os sujeitos, submetendo-os mais uma vez à condição de submissão. Embora se reconheça que esta população deseja ser tratada com dignidade, esta prática não se efetiva no cotidiano destas instituições.

Noronha discute também em carta ao Rotary Club os perigos vivenciados pelas crianças que, inseridas num meio destituído de afeição e valores que a protejam, podem acabar sendo coagidas, uma vez que não encontraram meios de desenvolver sua capacidade de amar. A criança ao ser esquecida e desprezada pode gerar dentro de si um sentimento de ódio e de revolta, gerando futuros marginais (Gustavo Filho, 1996).

Neste aspecto, o filantropo novamente retoma um dos princípios dos asilos, os quais atendiam pobres privados dos afetos paternais ou por acharem desamparados, ou por não poderem ou por não quererem dispensar os cuidados devidos aos seus filhos (Kishimoto,1988). O enfoque dado por essas instituições era de reduzir a mortalidade infantil, dar assistência à infância também visando a luta contra a criminalidade, protegendo a infância moralmente abandonada. Segmentava-se a pobreza para evitar que compreendessem sua exploração e se rebelassem contra o sistema opressor.

As instituições assistencialistas tinham uma perspectiva educacional baseada na submissão das classes populares. A função dos asilos era amparar o menor provendo sua subsistência, mas sem que se esquecesse de sua condição de pobreza (Kishimoto, 1988).

Ainda que a dinâmica da creche e dos centros sociais fundados por Nelson Noronha Gustavo Filho se diferencie do tipo de atendimento dado nos asilos no século XIX, a prática nestas entidades seguia a mesma linha de pensamento que via a criança pobre não como sujeito de direitos. Não se objetivava que os "pobrezinhos" se livrassem desta condição e pudessem ter garantidos seus direitos, como o direito à educação. Apenas buscava-se que fossem supridas suas necessidades básicas, sem que se estabelecesse um propósito nas atividades realizadas diariamente, como já acontecia na escolas maternais e nos jardins de infância. Desta forma, enfocava-se apenas os cuidados com a criança e nada além.

Um artigo publicado pelo jornal Correio Popular, em 1982, define claramente quais eram os objetivos da entidade e como se pensava o funcionamento e o atendimento à criança:

> ***CENÁCULO VAI AMPARAR OITENTA CRIANÇAS***
> *(...) A creche começará a receber inscrições na Segunda-feira, para crianças de 4 meses a seis anos de idade. Condição básica para freqüentá-la é o* ***trabalho materno fora de casa****, quase sempre a única fonte de renda de* ***famílias desamparadas****. Aliás, está se tornando cada dia mais freqüente o número de mães pobres que não sabem como conciliar o trabalho externo como faxineiras ou empregadas domésticas, e o cuidado com os filhos pequenos. Como também é cada vez mais freqüente o número de* ***chefes irresponsáveis****, que abandonam os filhos pequenos e a mulher, e vão tentar a sorte bem longe (...) No Cenáculo tudo está impecável, e como disse um observador "zero quilômetro", à espera das crianças. A* ***equipe técnica*** *– informou Nelson Noronha Gustavo – está contratada, constando de duas professoras, quatro babás, uma enfermeira de alto nível, e uma secretária. Isso sem contar a equipe de voluntários, composta de vinte elementos de nossa sociedade, todos com experiência em serviços de creche.* (Cenáculo vai amparar oitenta crianças. Correio Popular, Campinas, 1981).

Como podemos constatar no artigo acima, a condição básica para que a criança fosse admitida na creche era ser filha de mãe trabalhadora, em geral empregada doméstica ou faxineira. O direito à creche, portanto, não se estendia a todos, embora no terceiro parágrafo do segundo artigo do próprio estatuto do Cenáculo Empreendimentos Sociais se afirmasse que seriam *atendidos* ***todos*** *os pobres, sem distinção de sexo, raça, cor ou credo religioso.* Desta forma, a vaga na creche constituía-se somente como um direito da mãe trabalhadora e não da criança.

A creche buscava substituir os cuidados maternos na ausência da mãe, sem que houvesse a devida formação dos profissionais e a preocupação pedagógica no atendimento à infância. Havia uma preocupação com a alimentação, a higiene e os cuidados médicos, mas não com a educação pré-escolar, mantendo as mesmas características das creches do início do século XX.

Os profissionais contratados refletem esta preocupação higienista e de cuidados, sendo o quadro composto por apenas duas professoras, por uma maioria de quatro babás e uma enfermeira, responsável pelos cuidados médicos. Ainda na época da publicação do

artigo, percebe-se que a condição das famílias, a situação social e econômica do país e o atendimento voltado a esta população, não haviam se modificado muito em relação ao período em que foram criadas no Brasil as primeiras creches.

Nas primeiras décadas do século XX, na capital do Estado de São Paulo, as creches atendiam basicamente um contigente de mulheres e crianças, que viviam na extrema miséria. Ano a ano este contingente aumentava significativamente nos meios urbanos, devido à migração dos trabalhadores rurais em busca de melhores condições de vida. Neste período, as creches caracterizavam-se como meros depósitos de crianças, onde os pais deixavam seus filhos enquanto trabalhavam (Kishimoto, 1988). Embora houvesse uma preocupação com a questão da higiene e da alimentação, nenhuma atividade pedagógica era elaborada, e não havia intenção educativa alguma no brincar ou mesmo nos momentos de cuidado com a criança.

Neste artigo publicado pelo Correio Popular, são explicitados também alguns valores do redator que ao se referir aos novos arranjos familiares que se intensificavam na década de 80, considera os chamados "chefes de família" irresponsáveis, por abandonarem suas esposas, desamparadas, trabalhando em jornada tripla, cuidando dos filhos, trabalhando fora e dentro de casa). Contudo, ao se referir deste modo a estas famílias, o autor do artigo acaba estigmatizando e discriminando família que possam ter construído arranjos familiares que não se enquadrem no modelo nuclear, em que o homem é o chefe da família, havendo o suporte da esposa, que cuida da educação dos filhos.

O mesmo pensamento é colocado por Noronha, que ainda responsabiliza os meios de comunicação de massa como uma das causas das famílias "desestruturadas":

> *Estamos passando por uma crise de transformação de valores, como escreveu Wickert citado no livro. Responsável em grande parte é a televisão – que trabalha nas suas apresentações pela dissolução, das famílias, pelo desprezo dos valores morais* (Artigo ao Rotary Club: Meus caros rotarianos, Gustavo Filho, 1996).

O filantropo aponta a televisão como responsável por desvirtuar a sociedade e as crianças inseridas nela. Apesar dos meios de comunicação freqüentemente manipularem a população brasileira, alguns dos aspectos apontados por eles nada mais são do que reflexos da sociedade na qual vivemos.

Na tentativa de atrair telespectadores, por exemplo, a televisão cria telenovelas que tratem de famílias monoparentais, de crianças criadas pela avó ou pela tia, de mulheres que se divorciam e casam-se novamente trazendo para a família um novo integrante, e por aí vai. Assim, é necessário repensar de que forma acontece este desprezo e a destruição por esses meios dos valores morais, antigamente muito prezados. Não seria o processo inverso?

Um outro aspecto ressaltado por Nelson Noronha Gustavo Filho, também enfocado pelos asilos do final do século XIX, diz respeito à profissionalização do menor carente. Segundo Noronha, em 1995, está era uma luta da FEAC, que propunha dar instrução básica e uma profissão remunerada aos menores moradores de favelas, para que conseguissem alcançar um melhor padrão de vida:

> *Nas escolas profissionais o menor aprenderia a amar o trabalho e adquiriria o espírito de poupança* (Carta à FEAC de Nelson Noronha Gustavo Filho: Meus amigos da FEAC, 1995).

Apesar da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que proíbe o trabalho de menores de 14 anos, salva a condição de aprendiz, Noronha enfatiza a

profissionalização do menor oriundo das camadas populares como único meio de ascensão social, reduzindo a importância dos Ensinos Fundamental e Médio.

Desta forma, é possível perceber, por parte da filantropia praticada no município de Campinas, um certo regresso ao pensamento de séculos passados, em que havia preocupação especial com a formação profissional, nas indústrias para os rapazes e no trabalho doméstico para as moças.

Em todos os documentos, sejam eles cartas aos filantropos, sejam artigos de jornais, a fala de Nelson Noronha Gustavo Filho é finalizada com palavras de suplício, de devoção e sacrifício, muitas vezes relacionada à perda de sua filha em um acidente de carro:

> *A alegria dos pobres foi a minha, a tristeza dos pobres foi a minha, sinto agora as sombras da velhice adessarem sobre mim, retiro-me ao silêncio esperando que Deus me chame para minha filha Romília que partiu tão cedo dessa vida e me chame para minha mulher que muito me amou. E uma confissão. Quando minha filha Romília morreu num acidente de carro caí de joelhos no local, pedi a Deus para que não me fizesse perder a fé, fora duramente golpeado. De súbito me lembrei dos pequeninos que sofrem e pedi a Deus, oferecendo o sacrifício da filha que aliviasse a vida dos pobrezinhos* (Gustavo Filho, 1996).

Desta forma, ao longo de todos os artigos, podemos perceber que a fala de Dr. Nelson Noronha Gustavo Filho refletia todo um pensamento do início do século XX. Uma ideologia que buscava melhorias para a sociedade campineira, através de um trabalho preventivo com os pobrezinhos propensos a se tornarem futuros marginais.

Noronha durante toda sua vida associou sua benevolência aos pobres pequeninos, como se desprendesse de sua vida pessoal e permitisse a troca da vida de sua filha pela salvação dos pobres necessitados moradores da cidade de Campinas. Eis um retrato

minucioso da ideologia do início da República, que não poderia ser melhor representado e explicitado do que pelas últimas palavras de Noronha em artigo aos rotarianos:

> *A alegria dos pobres foi a minha, a tristeza dos pobres, foi a minha.*

6. As políticas e a Educação Infantil

6.1 A Legislação Brasileira e a Educação Infantil

Ao longo da história, diversos foram os tipos de atendimento à criança, cada qual influenciado por uma concepção de infância. No Brasil as primeiras instituições de atendimento à criança foram as Rodas dos Expostos (Venâncio, 1997) que visavam atender crianças abandonadas por famílias pobres e até por mães de posses, por serem frutos de união ilegítima.

Esta instituição possuía basicamente um caráter assistencial, dando cuidados maternais e médicos às crianças atendidas. Conforme Venâncio (1997), grande parte do abandono de criança se dava devido à situação de miséria e indigência das famílias; em alguns casos por motivos de saúde, e na minoria dos casos, por morte dos pais. Os asilos, criados posteriormente por iniciativa da Igreja Católica, também visavam este mesmo público, possuíam o mesmo caráter assistencialista e preocupação apenas com os cuidados maternos.

O surgimento das primeiras creches ao final do século XIX, a princípio, caracterizou-se apenas como extensão e aperfeiçoamento da Roda dos Expostos e dos Asilos, havendo pouca preocupação com o atendimento educacional. Neste período, o atendimento à infância pelas entidades assistenciais era visto como uma dádiva dos filantropos e não como um direito do trabalhador ou da criança (Kuhlmann, 1991).

Desde o século XIX os jardins de infância voltados à elite brasileira, diferentemente dos asilos e das creches, já possuíam grande preocupação com as questões educativas e pedagógicas. No entanto, foi apenas ao final do século XX, conforme aponta a

Constituição de 1988, que as entidades pré-escolares voltadas às camadas mais pobres da população passaram a ter um planejamento e uma preocupação educacional garantidos por lei (posteriormente também pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996). Esta preocupação mostrou-se presente na construção da Constituição Federal de 1988, fruto de muitas lutas e reivindicações populares.

De acordo com Sposatti (2003), o final da década de 1970 e início de 1980, além de manifestar o agravamento da crise econômica e o desenvolvimento de propostas sociais do governo buscando conformar um discurso distributivista é também um momento no qual a questão social é reposta a partir de nova posição da força de trabalho. Conforme a autora, no cenário político reaparecem forças sociais que recuperam o espaço vedado pelo governo militar e se expressam através de movimentos sociais urbanos e rurais, do sindicalismo operário aliado aos intelectuais, profissionais e a uma parcela da Igreja que se posiciona a favor dos oprimidos. Estas forças questionam as medidas econômicas refletidas na crescente pauperização da população. O social torna-se campo de investigação coletiva onde os segmentos espoliados se manifestam exigindo um novo direcionamento das propostas sociais.

Neste contexto a nova Constituição:

> *(...) incorpora nos seus dispositivos conquistas das sociedades avançadas, com respeito a questão de Educação, Meio Ambiente, Infância, Trabalho, entre outras, o texto constitucional define um rumo que se esperava que viesse a redirecionar as políticas – especialmente as sociais – no sentido de resgatar os direitos de cidadania, promover a equidade, enfim, ajudar a construir um país menos desigual e mais democrático* (ALMEIDA apud SILVA: 2002, p. 17).

Pela primeira vez são referidos direitos específicos das crianças sem ser os circunscritos no Direito da Família. No artigo 227 vê-se que é reconhecido um conjunto

amplo de direito de todas as crianças e adolescentes. Estes direitos são incorporados em leis posteriores como o ECA (1990), o SUS – Sistema Único de Saúde(1990), a LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social (1993) e a LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Contudo, destes, apenas a LDB aborda em seus dispositivos a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica.

Conforme a Constituição de 1988:

> *Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:*
>
> *IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade.*
>
> *Art. 211. A União, os estados, o Distrito Federal e os municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino.*
>
> *§ 2° Os municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.*

Desta forma, através da promulgação da nova Constituição (1988) a infância deixa de ser objeto apenas dos cuidados maternos familiares e passa a ser objeto dos deveres públicos do Estado e da sociedade como um todo.

O Estatuto da Criança e do Adolescente no Título II, Capítulo IV, artigo 54, apenas retoma o dever do Estado de oferecer educação em creches e pré-escolas, explicitado no artigo 208 da Constituição brasileira.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 também discute a questão da Educação Infantil, afirmando que:

> *Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.*

A abordagem da nova LDB em relação à Educação Básica, que engloba Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, constrói um diferente enfoque a respeito da Educação Infantil, que passa a ter novos objetivos, indo além dos cuidados maternos. A creche não se constitui apenas como um espaço em que a mãe trabalhadora divide a educação de seu filho, mas um espaço onde as crianças convivem com seus pares e com outros adultos profissionais, e não parentes, por opção da família.

A obrigatoriedade da Educação Infantil por parte do poder público, transforma o olhar e a ação das instituições que educam crianças de 0 a 6 anos. Conforme a LDB, a Educação tem como finalidade *"desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e estudos posteriores"* (LDB 9394/90, Título V, Cap. II, Art. 22).

As mudanças na LDB, lei que orienta o Sistema de Ensino no Brasil, propiciaram também transformações na ação dos(as) profissionais que atuam nas mais diversas instituições educacionais brasileiras. No caso da Educação Infantil, o(a) monitor(a) que possuía o papel de cuidado materno, é submetido(a) a um sistema que exige uma formação e um preparo específico, de caráter educativo, e não mais meramente assistencialista (Lei 9394/96).

O(A) educador(a)/professor(a) possuí um papel importante no planejamento das atividades da creche (0 a 3 anos) e da pré-escola (4 a 6 anos), uma vez que a aprendizagem não se estabelece apenas por meio de descobertas espontâneas. O(A)

educador(a)/professor(a) proporciona espaços e tempos adequados articulando-os com os objetivos estabelecidos no planejamento.

A Lei Orgânica do Município de Campinas de 1990, que antecede a Nova LDB, está coerente com a proposta da Constituição de 88, ao determinar que:

> *Art. 228. O atendimento em creche deverá ter uma função educacional, de guarda, de assistência, de alimentação, de saúde e de higiene, executado por equipes de formação interdisciplinar* (SILVA: 2002, p. 18).

Apesar destas leis possuírem uma proposta inovadora que vê a criança como sujeito de direitos, estabelecendo a obrigatoriedade de um atendimento educacional dentro de creches e pré-escolas, a realidade nas creches municipais é outra. No que tange ao poder público, de forma geral, não se cumpre os princípios da legislação (Silva, 2002).

A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 coloca a creche e a pré-escola como opção da família e ao enfatizar a responsabilidade da família pela educação de seus filhos:

> *Título II - Art. 2°. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*

A Constituição de 1988 indissociava o educar do cuidar, não separando as crianças de 0 a 6 anos em locais distintos e percebendo a importância das relações entre as diferentes idades. A Nova LDB, indo de encontro à Constituição, sistematiza a Educação Infantil em duas etapas: de 0 a 3 anos (creches) e de 4 a 6 anos (pré-escola):

LDB: Seção II – Da Educação Infantil

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I. creches ou entidades equivalentes para crianças de até três anos de idade

II. pré escolas, para crianças de quatro a seis anos

Além da Constituição Federal de 1988, da LDB/96 e do ECA/90 fundamentam a Educação Infantil o PNE (Plano Nacional da Educação), o RCNEI (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil) e, ainda, algumas diretrizes curriculares e operacionais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, editadas pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação Básica com o Parecer CNE/CEB 22/98 e Resolução CNE/CEB 1/99, são de caráter obrigatório e devem ser observadas por todas creches e pré-escolas, públicas ou privadas. A proposta pedagógica das instituições deve partir dos seguintes princípios apontados pelas diretrizes curriculares:

- Princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum;
- Princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
- Princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade, da qualidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.

Paralelamente, as Diretrizes Operacionais – Parecer CNE/CEB 4/2000 estabelecem: a vinculação das instituições infantis aos sistemas de ensino; a necessidade de

uma proposta pedagógica, de um regimento escolar e de formação específica dos professores e outros profissionais de instituições infantis; e como devem estar distribuídos os espaços físicos e quais os recursos materiais necessários nestas instituições.

6.2 Currículo em Construção: o contexto municipal

Fruto de um projeto coletivo, o Currículo em Construção da Rede Municipal de Educação Infantil de Campinas, entregue oficialmente à Rede em 1998, norteia as ações desenvolvidas com as crianças das creches e pré-escolas municipais. Caracteriza-se como um conjunto de orientações, posturas educacionais e éticas que contemplam valores como o respeito à criança e seu conhecimento, seu direito à brincadeira, sua família e meio sócio-cultural.

O currículo visa construir uma proposta através de uma postura dinâmica, de leitura da realidade e da cultura local; levantar as necessidades e possibilidades, propondo a organização de novos conhecimentos e vivências; oferecer instrumentos para que as crianças possam se desenvolver e constituir-se enquanto cidadãos autônomos capazes de responsabilidades e escolhas próprias (Currículo em Construção da Rede Municipal de Educação Infantil de Campinas, 1998).

A proposta do currículo em construção elege o aspecto cultural como princípio, meio e fim. Considerando que os seres humanos produzem cultura mediante sua relação com a natureza e na relação com outros homens, e que, portanto, ninguém produz cultura sozinho, o currículo valoriza todas as relações possíveis: criança – criança, criança – adulto, e adulto – adulto.

Este olhar para as relações se atenta para dois aspectos: o afetivo e o pessoal entre as crianças, e o profissional, afetivo e pessoal dos adultos entre si e na relação com as crianças.

O projeto possui preocupação em trabalhar com a cultura infantil e com as relações que as crianças estabelecem entre si, na medida em que, ao brincar, inventam códigos veiculados em trocas afetivas e intelectuais, num processo em que são capazes de criar, recriar, transformar o uso de objetos e a percepção das circunstâncias.

Desta forma, a proposta de organização didática para a educação infantil na rede municipal de ensino de Campinas, busca, através do brincar, construir o conhecimento infantil. Este conhecimento se dá por meio de descobertas nas relações interpessoais (o eu e o outro); de descobertas do meio físico, social e conhecimento lógico; de descobertas do corpo e do movimento e de descobertas das diferentes linguagens.

O currículo propõe o estabelecimento de uma gestão participativa, incentivando a participação dos pais e da comunidade, não só por meio do contato diário e nas reuniões agendadas, mas através do acesso à vida escolar, estabelecendo entre a instituição infantil e a comunidade uma relação de confiança, troca de informações e idéias. Esta troca é considerada importante e justificada pelo fato de que o aprendizado das crianças nesta faixa etária está diretamente ligado à vida cotidiana e às suas experiências, sendo imprescindível que os pais tomem conhecimento da prática dos educadores.

A questão dos hábitos de higiene, alimentação e cuidados com a saúde também é valorizada pelo Currículo em Construção através da transformação destes hábitos em momentos gostosos de aprendizagem para a criança. Assim, estas atividades não estão inseridas no cotidiano da criança sem um propósito. Através delas as crianças estabelecem

laços afetivos, vivenciam o prazer e o lúdico, trabalham com as sensações, com a socialização e as interações entre as próprias crianças, e também entre crianças e adultos.

O currículo aborda a formação do educador e a prática profissional, ressaltando a importância de uma formação crítico-reflexiva sobre o pensamento autônomo e a construção da identidade profissional. Incentiva também a visão crítica da prática do educador para que aprimore sua experiência:

> *O papel do educador frente à produção cultural da criança precisa estar em consonância com o momento histórico, a localização social da escola, as possibilidades e as relações estabelecidas entre a equipe escolar e a comunidade atendida. Para esta tarefa não é suficiente apenas o conhecimento de técnicas, metodologias de ensino, domínio de conteúdos;é preciso que se construa uma visão ética e política de seu fazer profissional* (Currículo em Construção da Rede Municipal de Educação Infantil de Campinas: 1998, p. 56).

De acordo com o currículo, o educador deve utilizar-se de instrumentos metodológicos que lhe permitam organizar sua prática pedagógica, tais como planejamento, registro, reflexão, avaliação e replanejamento.

Um importante aspecto levantado pelo Currículo em Construção é a questão do brincar. O projeto destaca a importância do brincar uma vez que possibilita às crianças a transformação do real e a invenção do novo.

O brincar envolve todas as crianças de 0 a 6 anos, inclusive os bebês, que podem perfeitamente através das brincadeiras fazer novas descobertas. Nesta fase, as brincadeiras correspondem principalmente às descobertas do corpo. Conforme vão adquirindo habilidades de se movimentar, sentados ou engatinhando, as possibilidades de exploração do meio ampliam-se, bem como quando aprendem a andar. As crianças pequenas são capazes de muitas coisas, e atividades sócio-culturais acontecem a todo momento. Ao

brincar exploram o mundo ao seu redor e expõem seus sentimentos, idéias e fantasias através do lúdico e do imaginário.

O currículo como um todo abrange todas as peculiaridades da Educação Infantil, delineando a prática educacional neste nível de ensino. Apresenta um discurso condizente com as necessidades do universo infantil, incluindo o destaque para a importância do brincar para o desenvolvimento de toda e qualquer criança.

6.3 Um breve olhar sobre a prática pedagógica em uma creche municipal do Jd. São Marcos.

O Projeto Pedagógico da Cemei Dr. Roberto Telles Sampaio compreende três unidades de instituição de educação infantil localizados em bairros periféricos da região norte de Campinas (SP).

Este projeto pedagógico abrange uma Cemei, que atende crianças de 0 a 6 anos em período integral e duas EMEIs, voltada para crianças de 4 a 6 anos. A Cemei e a EMEI, que levam o mesmo nome, Dr. Roberto T. Sampaio, estão localizadas no Jardim São Marcos. A outra EMEI localiza-se no bairro Vila Esperança.

A Cemei estabelece como objetivo geral a formação de:

> *"uma criança capaz de compreender, desenvolver e aprimorar conceitos e idéias das mais simples às mais complexas, capaz de saber fazer praticando o que pensou para realização de suas metas"* (Projeto Pedagógico Cemei Dr. Roberto Telles Sampaio – Campinas/SP).

Como objetivos específicos, a instituição propõe o desenvolvimento integral das crianças, a construção com as mesmas da organização do tempo e do espaço na rotina diária, os cuidados com a saúde e com o bem material, o trabalho com a questão do respeito ao outro e o senso de responsabilidade, a valorização da alimentação (hábitos, atitudes e

UNI

habilidades), a ênfase da participação e o auxílio mútuo, e por fim, o reconhecimento da diversidade e da singularidade local.

Como ações coletivas, o projeto propõe temas norteadores como "Eu e o outro" e "Meio ambiente: animais e plantas". Através das ações coletivas são trabalhados os dias comemorativos e as questões de hábito e higiene. Também são estabelecidas no projeto algumas leituras para serem trabalhadas no coletivo pelas educadoras (Projeto Pedagógico Cemei Dr. Roberto Telles Sampaio).

Para a elaboração dos objetivos gerais construídos pelas professoras em conjunto com a direção da EMEI, foram consideradas a realidade, a cultura, a história de vida e os interesses das crianças.

Ao detectarem em várias turmas uma preocupação com as enchentes e chuvas vivenciadas freqüentemente por muitas crianças do bairro foi resolvido trabalhar com o tema água, através de pesquisas e passeios, possibilitando que construíssem conhecimentos de forma lúdica e prazerosa.

Dentre alguns dos objetivos gerais apontados pelo projeto estão: o resgate de brincadeiras; a valorização da cultura e das tradições enquanto eixo norteador; o brincar como elemento fundamental para crianças e adultos que integram a educação infantil; o desenvolvimento de capacidades de ordem física, cognitiva e afetiva, estética e ética, através de vivências e experiências.

Ainda que sejam diferentes os enfoques da CEMEI e das EMEIs, o projeto pedagógico desta instituição municipal de educação infantil explicita o cuidar e o educar, havendo claramente uma preocupação com os aspectos pedagógicos, assim como com os cuidados básicos da criança (higiene, alimentação, bem estar, aparência, hábitos,...). O

projeto, desta forma, vai ao encontro da proposta da Constituição Federal que propõe a indissociabilidade do educar e do cuidar.

Contudo, contrapondo-se às propostas do projeto pedagógico estão algumas falas de educadoras, professoras e monitoras, e da orientadora pedagógica, que afirmam ainda haver um enfoque na prática assistencialista, ficando em segundo plano o trabalho pedagógico. O que se percebe é que as professoras têm uma visão voltada para o trabalho educacional, enquanto às monitoras é atribuída a função dos cuidados básicos, sem que haja a devida preocupação com o caráter pedagógico.

A justificativa do enfoque no caráter assistencial parte do pressuposto da creche localizar-se em um bairro "carente", atribuindo à instituição a função exclusiva de assistência às crianças. O que a fala de algumas monitoras, e até professoras, retrata é que não há um propósito educacional na prática cotidiana. Embora reconheçam que todo cuidar educa, afirmam que o planejamento pedagógico acaba sendo colocado em segundo plano.

Na EMEI, a preocupação com o projeto pedagógico se mostra mais presente no trabalho realizado pelas professoras, que atuam sozinhas, sendo apenas um período de atendimento às crianças.

Contudo, para os pais dessas crianças, a EMEI constitui-se como um lugar de preparo e inserção ao mundo escolar. É o momento da criança aprender o alfabeto e poder entrar no Ensino Fundamental já semi-alfabetizada, sabendo escrever seu nome e distinguir as letras. Quando perguntado ao responsável de uma criança a função da EMEI e qual o papel da professora/educadora foi respondido pela avó:

> *Eles dão desenhinho. Sempre que ele faz, ele leva para mostrar pra gente. Faz bastante atividade Aprende a escrever o nome (...). Serve pra bastante coisa. Tira a criança da rua... Aqui a gente sabe que ta em boas mãos. Porque criança na rua não dá nada que presta, né? Acho que melhora bastante (...) A*

educadora deve ensinar os alunos... Ensinar a criança ser educadas, dar regras...

Há ainda mães que confundem Educação Infantil com escolarização:

Ah, eu acho assim, as crianças que vão pra 1ª série, poderia ter uma formatura, né? Eles fazem despedida, mas só. Uma festinha, não tem uma formatura mesmo.

A função da creche é educar, ensinar modos de boas maneiras, tanto na sala de aula, na alimentação...

Essas mães percebem a Educação Infantil apenas como uma preparação para a vida escolar. Desta forma, de acordo com seu olhar, todo o funcionamento da instituição infantil baseia-se no Ensino Fundamental, não apresentando suas próprias singularidades, características e necessidades.

Embora discurso e prática se contradigam em alguns aspectos, é possível notar que há uma preocupação quanto à formação dos educadores. Algumas mudanças ocorrem a partir da ênfase que se dá ao planejamento pedagógico da instituição como um todo, que ocorre semanalmente e mensalmente através dos TDCs (trabalho docente coletivo) e dos cursos de formação continuada.

Ainda que as transformações sejam paulatinas, percebe-se que o discurso e os objetivos têm se modificado com o passar dos anos. As creches municipais atualmente contam com o trabalho de profissionais formados e especializados na área pedagógica que buscam cada vez mais se atualizar quanto aos novos conhecimentos da Educação Infantil.

Nesta perspectiva, a prefeitura vem incentivando a constante formação dos educadores, oferecendo cursos, palestras e especializações o que contribui para um atendimento de qualidade e específico, voltado às crianças de 0 a 6 anos, em todas as Cemeis e EMEIs do município de Campinas.

7. A Creche Cenáculo

7.1 O contexto e a dinâmica social do bairro Jardim São Marcos

A instituição se localiza na Região Norte do município de Campinas – SP, no bairro Jardim São Marcos. A região iniciou-se através de loteamentos passando a ser habitada por famílias retiradas de áreas de risco. Caracteriza-se por ser uma população de baixa renda, proletária e em sua grande maioria chefiada por mulheres. A grande maioria vive de trabalho de economia informal.

Quando fundado o Cenáculo Empreendimentos Sociais Católicos, o bairro se caracterizava por ser uma região de extrema pobreza, constituída em sua grande maioria por casas de madeira, também marcada por um alto índice de desemprego. As ruas não eram asfaltadas, não havia água encanada e luz elétrica. Foi a partir desta constatação que o advogado e também dono de imobiliárias, Dr. Nelson Noronha Gustavo Filho, decidiu fundar a Cenáculo Empreendimentos. Ao lotear o bairro verificou a pobreza em meio àquela população e, visando atendê-la, fundou a princípio o posto de saúde ligado ao Cenáculo.

Em 1982/ 1983, período em que a Creche Cenáculo foi inaugurada, o quadro do bairro já havia se modificado um pouco, ainda com ruas de terra, mas já com água tratada e luz elétrica nas casas. Começaram a surgir mais casas de alvenaria, embora fossem ainda minoria.

Atualmente, grande parte das casas são de alvenaria e apesar das melhorias que aconteceram nestes últimos anos, o saneamento básico é insatisfatório e ainda existem bolsões de favela e o bairro ainda sofre com as enchentes, que inundam as casas que estão

construídas a beira do Ribeirão Quilombo, acarretando às vezes a perda de todos os moveis e outros pertences.

As pessoas responsáveis pelas crianças atendidas pela Creche Cenáculo possuem faixa etária entre 18 e 40 anos, baixo nível de escolaridade (Ensino Fundamental Incompleto), precárias condições financeiras, sendo que a renda familiar varia entre 1 a 3 salários mínimos. São moradores dos bairros Jardim São Marcos, Jardim Campineiro e Jardim Santa Mônica, região Norte de Campinas.

7.2 Histórico do Cenáculo Empreendimentos Sociais

O Cenáculo Empreendimentos Sociais Católicos, mantenedor da Creche e do Posto de Saúde do Jardim São Marcos, foi fundado em 1964 pelo Dr. Nelson Noronha Gustavo Filho. Advogado e filantropo, conhecido como "o bom samaritano". Nelson Noronha participou também da criação da instituição que leva o nome de sua filha, Romília Maria, na Vila Ipê; da diretoria do Hospital Cândido Ferreira e da fundação do município de Panorama (SP). No Jardim São Marcos, a princípio, foi construído pelo Cenáculo apenas o Posto de Saúde, que contava com a atuação de diversos profissionais da saúde, amigos e conhecidos de Nelson Noronha.

Nas décadas de 1960 e 1970, o modelo político brasileiro baseava-se na centralização do poder; no fortalecimento do executivo; no controle da estrutura partidária, sindical e entidades classistas; na censura e repressão política. Durante o governo militar, o país viveu o chamado "milagre econômico" fundamentado na concentração de renda, na expansão do crédito ao consumidor e na abertura externa da economia brasileira. Segundo Castro, 1997), "a ausência de reformas estruturais no Brasil, como a reforma agrária,

tributária e social, terminou por condicionar a construção de um modelo econômico extremamente dinâmico, porém, socialmente excludente" .

Na década de 1980, contudo, este modelo econômico perdeu forças. As fortes mudanças no contexto internacional que impunham novas condições às economias centrais refletiram no Brasil. Uma forte recessão econômica avassalou o país, sendo necessário o estabelecimento de uma nova perspectiva de trajetória para a economia nacional (Castro, 1997).

Em 1988 foi promulgada a Constituição Federal do Brasil que passou a garantir diversos direitos sociais às camadas populares,. A elaboração e implementação da Nova Constituição foi conseqüência das lutas populares emergidas a partir do final da década de 70: greves, reivindicações sociais, movimentos feministas, movimentos negros que se alastraram pelo país.

Paralelamente aos movimentos sociais das camadas populares, parcela da classe média buscava através de ações de caridade e filantropia "auxiliar" os pobres, oferecendo assistência aos mais "necessitados". Financiadas por filantropos das classes mais altas e incentivados por obras religiosas, estas pessoas procuravam manter a "consciência tranqüila" ajudando as camadas populares, porém, sem que houvesse uma preocupação com a transformação da condição social das famílias atendidas.

Neste contexto, em 1982 que a Creche Cenáculo foi fundada com o objetivo de atender as crianças e as famílias também no aspecto educacional. O projeto de construção e funcionamento da creche surgiu inicialmente pela necessidade de atender a grande demanda de crianças de 04 meses a 06 anos, sendo que a exigência básica para freqüentá-la era o trabalho materno fora de casa, que quase sempre era a única fonte de renda das famílias. Consta da ata de Assembléia Geral Extraordinária do Cenáculo Empreendimentos

Sociais Católicos, datada de 29 de maio de 1981 (que antecede à inauguração da creche portanto):

> *Art. 1° do Estatuto: Cenáculo Empreendimentos Sociais Católicos é uma sociedade civil sem fins lucrativos de duração indeterminada. Fundada em 7 de dezembro de 1964, na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, onde tem sede, foro e registro, sendo o seu fim produzir por todos os meios ao seu alcance recursos e destiná-los à obras católicas, de caráter social, beneficentes, assistenciais, apostólicas e educacionais.*

Em 1983, com a inauguração da creche e o estabelecimento de novas prioridades, é realizada uma reforma do Estatuto:

> *O artigo 1° dos Estatutos Sociais passa a ter a seguinte redação:*
> *Art. 1°. Cenáculo Empreendimentos Sociais Católicos é uma Sociedade Civil sem fins lucrativos, de duração indeterminada, fundada em 7 de dezembro de 1964, na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, onde tem sede, foro e registro, tendo por finalidade a prestação direta de assistência geral aos pobres residentes nos bairros Campineiro, Jardim São Marcos, Jardim Santa Mônica, na cidade de Campinas, a qual poderá ser extendida excepcionalmente a residentes pobres de outros bairros a critério da Diretoria.*
> *§1° O amparo aos pobres dos bairros acima mencionados será trazido na prestação de benefícios deles, de assistência espiritual, e especialmente em assistência médica e odontológica para adultos e crianças de ambos os sexos, na manutenção de cursos de higiene, puericultura, cozinha, costura, de cabeleireiro para mulher, e outro, a critério da Diretoria, que possam promover a integração dos necessitados na comunidade social.*
> *§2° A sociedade poderá para este fim, construir ambulatórios e creches.*
> *§3° Serão atendidos todos os pobres, sem distinção de sexo, raça, cor ou credo religioso.*

Em 1990, através de doação, a entidade Cenáculo passou a ser administrada e mantida pelo SPES – Serviço de Promoção Social da Paróquia de São Paulo Apóstolo, filiada à Federação de Entidades Assistenciais de Campinas - FEAC. O SPES foi fundado em 1979 por um grupo de pessoas ligadas à Paróquia que mantinham atividades assistenciais, através de doações à Creche e ao Grupo Primavera, localizado também no

Jardim São Marcos. Em 1992 a doação foi oficializada e em 1997 ocorreu a fusão das duas entidades, prevalecendo o SPES que já havia adquirido os títulos de utilidade pública municipal, estadual e federal.

Conforme o Plano de Ação de 2005:

> *"O prédio do SPES passou por uma reforma entre 1994 e 1996, a fim de adequar o seu espaço de maneira a melhor atender seus usuários e ao programa a ser desenvolvido na educação infantil. Na ocasião do início das atividades do SPES, as ações eram de caráter assistencial, e as ações do Cenáculo de cuidados e assistência a crianças de acordo com a política de Assistência Social"* (Plano de Ação Cenáculo/ SPES 2005).

O Posto de Saúde foi cedido à Prefeitura Municipal de Campinas, e posteriormente utilizado para a instalação de uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). Segundo a atual assistente social da Creche Cenáculo, neste período alguns funcionários do antigo "postinho" foram deslocados para trabalharem na creche, ainda que não tivessem preparo ou experiência alguma no trabalho educativo com crianças.

Conforme a administradora da Creche, atualmente há apenas uma ex-funcionária do Posto de Saúde da Cenáculo trabalhando na Creche. Esta funcionária possui apenas o Ensino Fundamental incompleto (até a quarta série). Por exigências da Lei de Diretrizes e Bases/96 ela deveria possuir Ensino Médio completo até 2006, no entanto, abandonou os estudos e terá de ser demitida assim que este prazo se esgotar.

Atualmente a atuação da instituição é norteada basicamente pela Constituição Federal Brasileira de 1988, pela LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social), pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e pela Lei 9394/96.

De acordo com o Plano de Ação de 2004 da Creche Cenáculo/SPES ocorre uma transformação quando passadas as ações da Creche da Promoção Social para a Educação:

> *"Na ocasião do início das atividades do SPES, as ações eram de caráter assistencial e as ações do Cenáculo de cuidados e assistência às crianças de acordo com a política de Assistência Social.*
>
> *Com a promulgação da Nova LDB, em dezembro de 1996, o atendimento à faixa etária de zero a seis anos passa a ser considerada a primeira etapa da educação básica. Assim sendo, as ações do SPES atualmente são previstas pela intersetorialidade entre a Assistência Social (com o desenvolvimento do programa sócio-familiar) e a Educação (com o desenvolvimento da Educação Infantil)"* (Plano de Ação de 2004 da Creche Cenáculo/SPES).

Com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases, uma pedagoga foi contratada pela entidade, no entanto, não acompanhava diretamente o trabalho realizado pelas educadoras e monitoras da creche, não havendo também nem planejamento nem orientação pedagógica.

Em 2002 foi contratada uma nova pedagoga que passou a trabalhar com temas geradores, planejamento e orientação pedagógica. Surgiu também a idéia de "cantinhos" em cada turma. Esta pedagoga permanece nesta função já há 3 anos.

Paralelamente ao trabalho pedagógico, acontece o trabalho da assistente social e coordenadora (já há 14 anos nesta função na instituição), que realiza reuniões de pais mensalmente, além dos atendimentos individuais. Nas reuniões são levantadas questões cotidianas, dúvidas e sugestões dos pais. Além das situações do dia-a-dia, são discutidas as propostas da creches, sua função e as leis que regem seu funcionamento. Nestas reuniões mensais, acontecem participações esporádicas da pedagoga. Em geral participam delas a assistente social, uma estagiária de Serviço Social e os pais/familiares.

7.3 O Projeto de Ação Cenáculo 2005

O Projeto de Ação da Creche Cenáculo, do ano de 2005, foi elaborado em conjunto pela direção, coordenação e pela pedagoga da entidade, fundamentado a partir do

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira (Lei 9394/96).

A missão da entidade está explicitada no *Art. 4º* do Estatuto do SPES - Serviço de Promoção Social da Paróquia de São Paulo Apóstolo – entidade mantenedora da Creche Cenáculo:

> *"tem por finalidade a prestação de serviço permanente e gratuito, de promoção humana, em caráter assistencial, educativo e cultural, beneficiando preferencialmente a criança e/ou o adolescente carente".*

O projeto apresenta como justificativa o trabalho integrado entre assistência e educação, através da proposta de garantia de atendimento de qualidade que favoreça o desenvolvimento integral da criança enquanto sujeito de direitos.

A prioridade é garantir a educação da criança, a integração e interação de suas famílias. A Creche Cenáculo em seu projeto do ano de 2005 propõe portanto um trabalho sócio-educativo:

> *suprindo às necessidades infantis voltada a uma ação predominantemente educativa, propiciando cuidados integrais de higiene, alimentação, lazer, educação e saúde procurando atender com qualidade, em todos os setores* (Plano de Ação 2005 – Cenáculo/SPES).

O público alvo da instituição corresponde a crianças de 0 a 6 anos, agrupadas em: Berçário I, Berçário II, Maternal I, Maternal II, Infantil e Pré, conforme podemos observar abaixo na Tabela 1:

Berçário I	Berçário II	Maternal I	Maternal II	Infantil	Pré	Total de famílias
00 a 01 ano	01 a 02 anos	02 a 03 anos	03 a 04 anos	04 a 05 anos	05 a 06 anos	Famílias
14 crianças	12 crianças	13 crianças	18 crianças	18 crianças	20 crianças	86 famílias

Os educadores que atuam nestas seis turmas têm o seguinte grau de escolaridade: um formado em Pedagogia, um com Ensino Superior de Pedagogia Incompleto, sete com Ensino Médio Completo e dois com Ensino Fundamental Completo. Uma das educadoras inclusa no quadro de funcionárias que foi demitida recentemente, possuía Ensino Superior Incompleto (Pedagogia).

Tabela 2: Quadro de funcionários da Creche Cenáculo

Função/Cargo	*Formação*	*Carga Horária Semanal*	*Regime Trabalhista*	*Tempo na Função*
Assistente Social – Coordenadora	*Superior Completo*	*30 h*	*CLT*	*14 anos*
Pedagoga	*Superior Completo*	*20 h*	*CLT*	*03 anos*
Administradora	*Superior Incompleto*	*40 h*	*CLT*	*09 anos*
Monitora	*Ensino Fundamental*	*40 h*	CLT	10 anos
Auxiliar de cozinha	*Ensino Fundamental Inc.*	40 h	CLT	10 anos
Monitora	*Ensino Médio*	40 h	CLT	14 anos
Monitora	*Ensino Médio*	40 h	CLT	03 anos
Professora/ Pedagogia	*Superior Incompleto*	40 h	Estagiária	01 mês
Educadora/ Pedagogia	*Superior Incompleto*	40 h	Estagiaria	01 mês
Cozinheira	*Ensino Fundamental Inc.*	40 h	CLT	07 anos
Monitora	*Ensino Médio*	40 h	CLT	04 anos
Monitora	*Ensino Fundamental*	40 h	CLT	05 anos
Serviços Gerais	*Ensino Fundamental Inc.*	40 h	CLT	03 anos
Professor	*Superior Completo*	40 h	CLT	02 anos
Serviços Gerais	*Ensino Fundamental Inc.*	40 h	CLT	15 anos
Monitora	*Ensino Médio*	40 h	CLT	03 anos
Monitora	*Ensino Médio*	40 h	CLT	02 anos
Monitora	*Ensino Médio*	40 h	CLT	04 anos
Monitora	*Ensino Médio*	40 h	CLT	03 anos

Plano de Ação SPES 2005

Conforme o quadro de funcionários da Creche Cenáculo, podemos observar que a grande maioria de educadores não possui formação na área Pedagógica, apenas Ensino Fundamental ou Médio completo.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional brasileira, Lei 9394/96:

> *Art. 62 A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal* (LDB 9394/96, Título VI, Capítulo IV, artigo 62).

A capacitação destes funcionários deu-se apenas através de experiências pessoais (cuidando de seus próprios filhos, sobrinhos ou crianças vizinhas, etc.) ou no trabalho na própria creche como pajem, que na época não exigia nem mesmo o Ensino Fundamental. A seleção das antigas pajens, atualmente denominadas monitoras, era feita sem muitos critérios pedagógicos. Bastava trabalhar alguns meses com serviços gerais, observando o funcionamento da creche e o trabalho de outras pajens, algumas vezes auxiliando-as. Com o passar de um ano, a funcionária era contratada para trabalhar diretamente com as crianças.

Em um documento da Creche se estabelecem os papéis e funções de cada funcionário da entidade, sendo possível traçar a visão de educador que se têm na instituição. Os monitores de Berçário I e II, Maternal I e II assemelham-se muito em sua função e pouco se diferem em relação aos do Infantil e do Pré quanto às orientações recebidas.

Devem os monitores de BI, BII, MI e MII manter contato com as mães ou responsáveis no momento de "recepção" e "entrega" da criança; responsabilizar-se pela saúde da criança durante sua permanência na creche, bem como pela sua higiene. Quanto às atividades desenvolvidas, o documento refere-se: aos banhos de sol, às atividades de

estimulação (no banho, nas brincadeiras, na massagem, nos horários de recreação, nos horários de alimentação), aos estímulos da afetividade e da autonomia da criança, à participação no planejamento de atividades sócio – educativas, e por fim, "ser protetora e educadora".

Deste modo, o enfoque no papel do monitor é muito mais assistencial, no sentido de suprir as necessidades básicas da criança de alimentação e higiene, propondo que seu trabalho seja apenas o do cuidar, sem que sejam esclarecidos os propósitos das atividades realizadas cotidianamente.

Quanto às orientações dadas aos professores, que no caso trabalham com o Infantil e o Pré, os papéis se diferem. Há um enfoque muito maior no educar do que no cuidar, atribuindo a eles um trabalho pedagógico mais elaborado. Além das funções delegadas aos monitores é exigido que se trabalhe com atividades diversificadas como jogos e desafios, que haja um planejamento dos trabalhos e uma avaliação constante das crianças, que sejam construídas regras pelo coletivo, enfim, que se trabalhe o desenvolvimento moral da criança e a construção de sua autonomia, além de incentivar a constante reflexão por parte do professor sobre sua postura e responsabilidade.

O Plano de Ação da Creche Cenáculo embora apresente alguns dados a respeito da sua missão e sua justificativa de ação, não explicita de que forma pretende atingir seus objetivos. Aborda superficialmente as propostas e metas a serem alcançadas e não define que espécie de atividades diárias serão desenvolvidas ao estabelecer como meta o atendimento diário em período integral de 95 crianças:

Tabela 3: Metas da Creche Cenáculo - 2005

Meta quantificada	Prazo de conclusão
Atender diariamente em período integral, 95 crianças	12 meses
Realizar 02 passeios durante o ano de 2005, contemplando 85 crianças	12 meses
Desenvolver 1 vez por semana projetos com estagiárias de Psicologia envolvendo 70 crianças e seus respectivos educadores	08 meses
Realizar 1 vez por mês reuniões com grupo de 15 gestantes que queiram ou não fazer uso da Creche	10 meses
Realizar 2 reuniões mensais com 86 famílias	11 meses
Realizar por mês 05 a 10 entrevistas domiciliares	11 meses
Realizar entrevistas individuais com 86 famílias, quando houver necessidade	12 meses
Realizar 12 reuniões Pedagógicas com 19 Funcionários, 02 membros da Diretoria e 02 Usuários	12 meses
Realizar 02 Jantares no ano beneficentes para aumento de receita	12 meses
Realizar 03 chás beneficentes para aumento de receita	12 meses
Promover 02 encontros de Integrando Educadores em parceria com FEAC	12 meses
Realização de 01 festa junina na creche para aumento da receita	06 meses
Participação em 02 festas juninas externas para aumento da receita	06 meses

(Fonte: Plano de Ação Creche Cenáculo – 2005)

As metas referem-se no geral a eventos esporádicos, como festas, jantares e chás beneficentes. As reuniões mensais com os familiares são de responsabilidade da Assistência Social. Desta forma, fica pouco claro de que forma se dá o trabalho pedagógico e quais suas metas de fato no âmbito educativo.

Os objetivos específicos da Creche Cenáculo, ausentes no seu Plano de Ação, estão mais explícitos nos Projetos Pedagógicos elaborados em conjunto pela pedagoga e pelos educadores. O mesmo ocorrendo nos Projetos da Assistência Social.

São definidas reuniões mensais com familiares, entrevistas individuais com os pais, visitas domiciliares, festas e ações beneficentes, mas não são especificadas as atividades pedagógicas. Apesar de serem determinadas reuniões pedagógicas com os funcionários da

creche, não acontecem reuniões em que ocorra o encontro das famílias com as educadoras e a pedagoga da creche.

Desta forma, observa-se no Plano de Ação da Entidade que os objetivos e metas da área de Serviço Social estão mais claramente definidos e são mais enfatizados do que os da área educacional.

7.4 Uma visão da prática das educadoras

Com o intuito de conhecer a realidade institucional e detectar as possíveis transformações do discurso e da prática desta creche filantrópica, foram realizadas entrevistas semi-abertas com os educadores, alguns deles professores, outros monitores.

Nas entrevistas primeiramente enfocou-se a prática profissional, por conseguinte a formação do educador, e por fim, a concepção de infância e de instituição infantil construída pelos educadores da creche em questão.

7.4.1 Mudanças na prática do monitor

Através dos relatos das educadoras, foi possível detectar uma transformação nos últimos anos quanto à função delegada às monitoras da Creche Cenáculo. A grande maioria das monitoras com mais de 4 anos de trabalho na instituição afirmaram ter entrado na entidade a princípio no cargo de serviços gerais.

Quando contratadas, não recebiam instruções quanto à sua função, sendo necessário somente observar o trabalho das demais pajens ou monitoras para que após um tempo de serviço pudessem atuar no trabalho direto com as crianças:

> *Educadora 1: Olha, no começo, no dia que eu vim fazer a ficha a moça que fez a entrevista comigo queria que eu fosse cozinheira, mas aí eu falei que não queria trabalhar na cozinha. Não discriminando o serviço, mas porque eu já fazia isso*

direto em casa. (...). Aí quando passou 3 dias ela me chamou e era pra ser pajem...se chamava pajem quem olhava as crianças.

Educadora 2: Pra começar a trabalhar aqui era a faxina primeiro porque não podia ter contato com as crianças e depois quando virei educador, eles davam orientações nas reuniões mensais. Eu era coringa, com o tempo passei a ser educadora fixa, então mudou né. Você vê mais retorno, tem mais planejamento hoje, tenho mais experiência também, fico mais atenta ao desenvolvimento da criança.

Também é possível verificar na fala de algumas das entrevistadas que não havia propósitos pedagógicos nas atividades desenvolvidas pelas pajens ou monitoras da época. As monitoras novas não recebiam instruções ou orientações na área educacional, aprendendo no cotidiano o que deveria ser feito com as crianças. As orientações se restringiam apenas ao campo do Serviço Social, oferecidas pela assistente social e coordenadora da instituição:

Educadora 3: Ah, quando eu entrei aqui não tinha muita orientação. Era mais recreação, brincar com a criança, mas sem muito propósito. Hoje há um planejamento, um projeto pedagógico, somos orientados pela pedagoga, e há um objetivo em cada atividade que fazemos.

Educadora 6: Ninguém me disse nada. Eu acho que eu tinha que agir, mostrar meu conhecimento pela experiência, pela razão também. Eles queriam ver se...não existe uma receita pra dar na mão, com esse você faz assim, com aquele de outro jeito. Ninguém fala nada do q você tem q fazer com a criança quando você vai trabalhar com ela, porque cada criança tem o seu jeito e vai agir de diferentes modos com cada pessoa. Trabalhar com máquina a pessoa vai lá e te explica. Com criança não é assim, a criança vai despistando, não existe uma receita. Tem que ir conhecendo o tempo da criança e tal...eu fiquei perdida porque eu não sabia o q fazer. Mas aí eu vi q eu que tinha que ir atrás.

As educadoras apontam para um planejamento pedagógico e também citam a orientação da pedagoga que as acompanha diariamente, semanalmente através dos relatórios exigidos e mensalmente nas reuniões pedagógicas realizadas com os educadores.

No entanto, embora as reuniões com os funcionários seja motivo de destaque por todas as monitoras e professoras entrevistadas, uma educadora - mãe de criança da creche - se queixa da ausência de reuniões entre educadores e familiares. Ela aponta esta interação entre pedagoga, educadores e pais como algo de grande importância até mesmo para o desenvolvimento da criança. Este ponto foi levantado por outras mães da instituição.

As reuniões mensais realizadas com as famílias são exclusivamente organizadas pela assistente social da creche, sendo esporádica a participação da pedagoga da entidade. A pedagoga tenta participar e interagir com as famílias diariamente, mas se queixa deste contato ser superficial e rápido com os pais das crianças. Existe uma tentativa por sua parte de participar das reuniões, contudo não há muito espaço, uma vez que a assistente social crê que o trabalho com as famílias seja exclusivo do Serviço Social.

7.4.2 A função da creche para as educadoras

Nas entrevistas realizadas com as educadoras da Creche Cenáculo, as respostas, apontam a instituição como meio propício para que as crianças se desenvolvam fisicamente e socialmente. A formação de um cidadão crítico, consciente de seus direitos e deveres, é muito enfocada, ainda que não se explicite de que forma pretende-se este trabalho:

> *Educadora 3: A creche tem como objetivo a educação das crianças, o aconchego, e tornar a criança um cidadão crítico no futuro. Para dar um futuro melhor para criança, orientá-la.*

Estas respostas vão de acordo com as orientações dadas pela assistente social e pela pedagoga da instituição nas reuniões mensais. Nestas reuniões, pedagoga, assistente

social e educadores discutem os objetivos da Creche e as metas a serem alcançadas ao longo do ano, além de definirem a linha de atendimento proposto.

Há uma forte influência da Assistência Social na formação da opinião destes educadores, ao enfatizar a questão dos direitos e deveres em diversos momentos. Isto aponta que ainda há resquícios da creche enquanto papel da assistência social e não como responsabilidade da Educação. A ênfase está nos direitos das famílias, embora se discuta a importância do desenvolvimento social, físico e psicológico da criança:

> *Educadora 6: Atender à criança e assistenciar as famílias. A criança é o nosso foco principal, mas por trás dela existe a família, daí tem o papel da assistente social, que é o social, que é assistenciar a família, ver porque a criança tem aquela atitude. Não visamos somente a família. Então o papel da creche é uma parceria com a família na educação da criança. Eu vejo por esse lado. Esse é o nosso papel aqui. Atender a criança e a família ter essa assistência aqui.*

O que se pode observar é que, quando entrevistados os educadores que trabalham com crianças menores, as respostas se focam mais na questão do cuidado. Quando entrevistados aqueles que trabalham com a faixa etária de 4 a 6 anos (correspondente à pré-escola), é enfatizado o educar, contudo, buscando-se a escolarização e a iniciação ao alfabeto.

Um segundo aspecto levantado pelas educadoras é a creche como local que oferece tranqüilidade à mãe trabalhadora, que confia seu filho à instituição enquanto trabalha, sabendo que lá será bem cuidado.

As monitoras e professoras entrevistadas consideram a infância um momento de muita brincadeira Para a grande maioria das educadoras, esta fase está diretamente associada ao brincar, podendo a criança se desenvolver e aprender com isso, sendo isto explicitado ou não pela entrevistada. São apontados também como definição de infância a

ausência de responsabilidades e como uma fase que se constitui como base emocional, afetiva e psicológica da criança.

7.4.3 Um olhar sobre o passado e o presente da Creche Cenáculo: registros iconográficos, uma interpretação subjetiva

A análise de fotos pode trazer informações muito ricas a respeito da realidade de um objeto de estudo. Através delas é possível identificar ideologias, concepções e pensamentos retratados pelos atores fotografados e pelo próprio fotógrafo. Considerando estes aspectos foram coletadas algumas fotos da Creche Cenáculo que vão do período de 1988 a 2004.

As fotos coletadas revelam muito a respeito das crianças atendidas, mas mais que isso, implícita ou explicitamente, trazem consigo muito da ideologia e da concepção de infância construída pelos profissionais ali presentes.

Conforme Faria (2005), o espaço físico se constitui como um elemento fundamental para uma Pedagogia na Educação Infantil. Uma pedagogia que garanta o direito à infância e a melhores condições de vida para todas as crianças através de espaços que contemplem prioritariamente os interesses e as necessidades das crianças.

Considerando a importância do espaço físico voltado para as especificidades da criança de 0 a 6 anos, é necessário observar nas fotos selecionadas se de fato levam em consideração:

> *(...) todas as dimensões humanas que estão sendo construídas pelas crianças; o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo, etc., etc.* (Faria: 2005, p.74).

Faria aponta para a necessidade da superação do espaço escolarizante – que consiste na centralidade da figura da professora – e também dos espaços assistencialista, adultocêntrico, higienista, maternal, discriminatório e preconceituoso.

Podemos observar que diversas fotos selecionadas da creche filantrópica apontam para um espaço construído e pensado pelos adultos, não sendo voltado para a criança. A criança é apenas adaptada e não inserida de fato na instituição educativa (Mantovani, 2001).

A estrutura do prédio no qual está instalada a Creche Cenáculo remonta um espaço físico destituído de ludicidade. Não há plantas circundando a creche, ou ainda mesmo no playground.

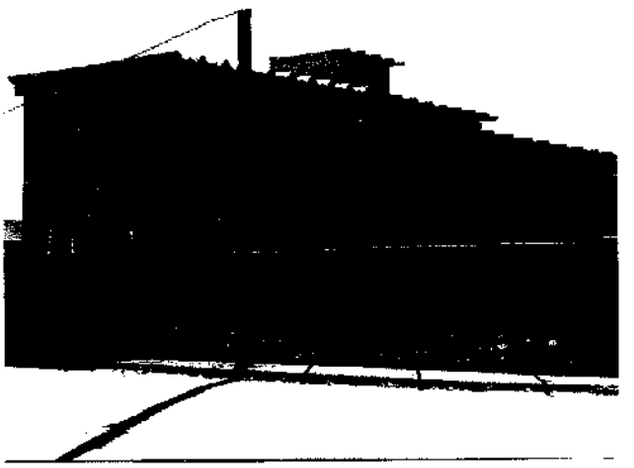


Foto 1: Prédio da Creche Cenáculo – Jardim São Marcos – Campinas (SP)

No parque (fotos 2 e 3), crianças posam para a foto. Dispostas em fileira para tirarem fotografia, não é possível notar muitas interações entre as crianças, provavelmente por interferência do fotógrafo e das pajens que organizavam a foto. Apesar da tentativa da pajem em organizar as crianças para a foto percebe-se que algumas crianças "transgridem" brincando no momento de posar para a foto, interagindo entre si, explorando o brinquedo do playground.

Foto 2 e 3: Crianças no playground da Creche Cenáculo – 1989

No refeitório (foto 4), pode-se observar um grande número de cadeiras de adultos amontoadas ao fundo da foto. Novamente o espaço se mostra inadequado para receber as crianças. O espaço não se constitui enquanto lugar da criança, mas sim como um local temporário que não considera seus anseios e necessidades. Desta forma, o espaço não se adequa às condições e aos interesses das crianças.

Foto 4: Crianças da Creche Cenáculo no Refeitório – 1989

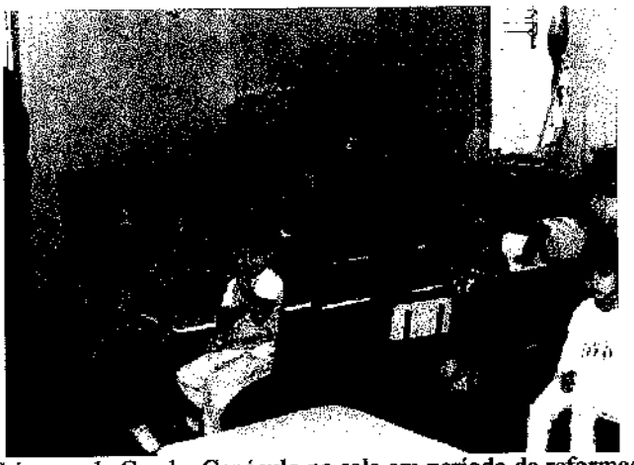


Foto 5: Crianças da Creche Cenáculo na sala em período de reformas – 1989

Na foto 5 vemos cobertas empilhadas para serem utilizadas na hora do sono. Da mesma forma é feito com as mochilas das crianças que se encontram jogadas em um canto da sala. As mesas e cadeiras são adequadas e proporcionais ao tamanho das crianças. Entretanto, não é possível definir pela foto a sua utilidade no cotidiano. O perfil das crianças usuárias pode ser traçado pelas roupas, sujas e rasgadas. Também podem ser definidas por uma maioria de crianças negras e pardas.

Na foto 7, embora as crianças estejam dispostas de pé com os brinquedos no chão, não havendo uma escolarização, é possível observar que a decoração está bem acima da

altura das crianças. A instituição se reafirma enquanto espaço despreparado para inserir as crianças no seu meio.

Foto 6: Retrato de uma criança da Creche Cenáculo, moradora do Jardim São Marcos - Campinas (SP) - 1988
Foto 7: Crianças reunidas na sala posando para foto - 1989

No parque (foto 8), as crianças brincam ao lado da pajem. As pajens utilizavam-se de aventais por obrigatoriedade imposta pela direção (talvez resquícios da influência médica nas creches).

Foto 8: Crianças e pajens no parque da Creche Cenáculo – s/d

Ao fundo, podemos notar uma pajem sentada. Lembramos que as pajens tinham a função de apenas cuidar e tomar conta da criança:

> *Pajem (Do francês Ant. page ou do italiano paggio) 1. Na Idade Média, jovem nobre a serviço de um rei, príncipe ou senhor. – 2. Menino que forma o cortejo da noiva. – 3. Bras.. Criado que acompanha alguém em viagem a cavalo.*

s.f. Bras. Ama-seca; pessoa que toma conta de crianças profissionalmente; babá (Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa, 1999).

Ao que podemos notar na foto em questão, as crianças ficavam soltas - algo positivo para as mesmas - brincando sem que as atividades exercidas tivessem uma intencionalidade.

O parque da Creche Cenáculo era todo de areia. Segundo a assistente social da instituição, devido ao grande número de formigueiros, e também por questões de higiene, quase todo o chão foi cimentado, deixando apenas um pequeno espaço onde atualmente se localiza o tanque de areia (foto 9).

Foto 9: Crianças brincam e interagem entre si no parque da Creche Cenáculo – s/d
Foto 10: Pajem e crianças de 0 a 3 anos brincam no "solário" da creche – s/d

Há uma preocupação com a proteção e a segurança das crianças, que acaba impedindo que estas desfrutem do espaço físico e explorem a natureza ao seu redor. Lembrando que:

> *Criar o sentido de pertencimento à natureza será favorecido por atividades com os quatro elementos: água, terra, ar e fogo.Em vez de simplesmente omiti-las porque são consideradas perigosas, poderemos em nome de objetivos pedagógicos essenciais como o sentir-se natureza aprender juntos, adultos e crianças, como se aventurar no (dito) perigo sem machucar-se.*(Faria: 2005, p.79).

No "solário", ficam as crianças de 0 a 2 anos no momento de recreação. Na foto 10, pajem cuida de bebês que brincam com caixas de papelão (retrato da condição social e

do trabalho exercido). Todo o chão tem piso de lajotas não havendo contato algum com a terra. O berçário fica no segundo andar, distante do playground, único local da creche com terra, assim, os bebês utilizam-se mais do solário. Há uma separação entre os bebês de 0 a 2 anos, e as crianças de 3 a 6 anos, não havendo muito contato entre esses dois grupos.

Na foto 11, monitora cuida de criança do berçário. A expressão da educadora em relação à menina reflete a preocupação com o afeto e o cuidado. A monitora ("tia") é considerada como uma segunda mãe, e não vista como uma profissional.

Foto 11: Criança e educadora estabelecem interações durante o momento do banho e da troca.

Na foto 13, estagiária aplica projeto com as crianças. Conta histórias em sala vazia sem mesas e cadeiras. Apesar da lousa na parede ao lado das crianças, não há indícios de escolarização. Há um espelho pequeno no canto da sala. A foto não dá vestígios de que haja no espaço materiais adequados à idade como: jogos de construção, materiais para desenvolver as artes, engenhocas, brinquedos e produções das crianças. Constitui-se enquanto um espaço vazio sem marcas da produção cultural e social das crianças.

Foto 12: Crianças e educadoras na Estação de Trem Anhumas
Foto 13: Estagiária conta história para crianças da Creche Cenáculo

Em 2004 (fotos 14 e 15), com a entrada da pedagoga fixa, crianças do pré fazem trabalhos com letras do alfabeto que estão aprendendo. Estão dispostas em mesas e cadeiras proporcionais a seu tamanho, bem como os trabalhos expostos nos varais estão ao seu alcance.

Foto 14: Aprendendo o alfabeto: atividades da turma do pré em sala
Foto 15: Crianças do Infantil (4-5 anos) em atividade em sala

Os aspectos observados nas fotos 14 e 15 definem a presença da escolarização na instituição infantil em questão. Na tentativa de se implantar um planejamento pedagógico e apresentar o caráter educativo na creche, confunde-se educação infantil com escolarização:

> *Se este é um espaço onde os adultos podem conhecer as crianças, o adulto que trabalha direta ou indiretamente com elas precisa aprender esta profissão de professora de pré-escola. Trata-se de um tipo de professor diferente dos professores dos outros níveis de ensino* (Faria, 2005: p.77).

Conforme as imagens selecionadas acima, podemos concluir que há uma mudança no caráter educacional adotado pela creche ao longo das duas décadas de seu funcionamento. O que se pode perceber é que apesar da busca pela implementação de um trabalho pedagógico, não há valorização da cultura infantil na instituição. No caso dos 4 a 6 anos, a escolarização substituí a produção das próprias crianças, que são incumbidas de aprender o alfabeto, as iniciais de seu nome, quando não a escreve-lo.

8. Conclusão

A pesquisa realizada pôs em evidência a existência de uma forte ideologia filantrópica e de caridade nas idéias expressadas pelo fundador da Creche Cenáculo. A partir dos dados analisados, foi possível definir a concepção de infância que permeava a prática do fundador Nelson Noronha Gustavo Filho. A infância é por ele abordada apenas como um vir a ser, passível de ser corrompido pelo universo dos adultos, sendo necessária a intervenção dos bondosos filantropos e caridosos para que não se tornem futuros marginais.

Atualmente, a Creche Cenáculo ainda baseia-se na assistência às famílias como princípio elementar da instituição, permanecendo os aspectos pedagógicos em segundo plano.

Percebe-se que na busca pela mudança para o caráter educacional há uma tentativa inadequado de escolarização da instituição para educação das crianças pequenas em questão, em especial dos agrupamentos que correspondem à pré-escola (4 a 6 anos), não havendo a devida formação de seus(suas) profissionais para a Educação Infantil. Não há uma preocupação com o incentivo às manifestações das culturas infantis pelas crianças da creche, mas sim um incentivo à elaboração de trabalhos homogêneos e ênfase adultocêntrica.

O pensamento de instituição para educação da primeira infância enquanto assistência à família, única e exclusivamente, ainda perdura As metas da assistência ainda prevalecem em relação ao trabalho educacional, que exige a consideração das necessidades singulares das crianças de 0 a 6 anos acolhidas na Creche Cenáculo.

O discurso da instituição é de que a creche é vista como direito não só de toda mãe, mas de toda e qualquer criança, sem distinção. No entanto, a instituição coloca como condição o pagamento mensal de pequena quantia de dinheiro ou prestação de serviços de um dos responsáveis da criança. Caso a família não pague a mensalidade ou preste serviços em troca a criança pode perder sua vaga na instituição. Estaria então este direito sendo universal e garantido a toda e qualquer criança?

Sposatti (2003) propõe a assistência e as políticas sociais como compensatórias de "carências", uma forma de caracterizar a exclusão com face de inclusão, pela benevolência frente à carência dos indivíduos. Contudo, afirma que para as classes subalternas , as políticas sociais se constituem também enquanto espaço que possibilita o acesso a benefícios e serviços que de outra forma lhes são negados. Um espaço de lutas, confrontos e expansão de direito:

> *Não se nega que a política social é um mecanismo que o Estado utiliza para intervir no controle das contradições que a relação capital- trabalho gera no campo da reprodução e reposição da força de trabalho, ou, ainda, que cumpre uma função ideológica na busca do consenso a fim de garantir a relação dominação-subalternidade e, intrinsecamente a esta, a função política de alívio, neutralização das tensões existentes nessa relação. É ela uma forma de gestão estatal da força de trabalho e, nessa gestão, não só conforma o trabalhador às exigências da reprodução, valorização e expansão do capital, mas também é o espaço de articulação das pressões e movimentos sociais dos trabalhadores pela ampliação do atendimento de suas necessidades e reivindicações. É portanto, na perspectiva de um espaço onde estão presentes foças contraditórias que nos interessa compreender as políticas sociais. Um espaço que pode contribuir para o fortalecimento dos processos organizativos dos setores populares* (Sposatti: 2003, p.33).

Pela bibliografia estudada finalizo reconhecendo que é nesta perspectiva que as creches e pré-escolas brasileiras devem ir de encontro à prática emancipatória. As instituições para educação das crianças pequenas não podem ser apenas locais de

reprodução da sociedade capitalista opressora das camadas populares, mas também locais de manifestações e lutas dos direitos da classe trabalhadora. A creche deve propiciar e valorizar a cultura da população local e, principalmente das culturas infantis trazidas para dentro da instituição e construídas dentro da mesma pelos próprios sujeitos que são as crianças, superando a visão escolarizante de creche e pré-escola.

9. Bibliografia

ARCE, Alessandra. **A pedagogia na "era das revoluções": uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel**. Campinas, Autores associados, 2002.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **O significado da Infância. A educação infantil nos municípios, a perspectiva educacional.** Anais do I Simpósio Nacional de Educação Infantil. Brasília, MEC/SEF/DPE/COED, 1994.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BRASIL. Lei Darcy Ribeiro. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n.º 9394 de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; e legislação correlata. Brasília, Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

CAMPOS, Maria Malta. *Atendimento à infância na década de 80: as políticas federais de financiamento.* **Cadernos de Pesquisa n.º 82**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, pág. 5 –20.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia; FERREIRA, Isabel M. **Creches e Pré-Escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez: Fundação Carlos Chagas, 1995.

CASTRO, Jorge Abrahão de; POCHMANN, Márcio & SILVA, Pedro L. Barros. **Política Social e Exclusão no Brasil: Desafios e Limites da Intervenção Estatal**. Campinas, Unicamp, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CEMEI DR. ROBERTO TELLES SAMPAIO. **Projeto Político Pedagógico Cemei Dr. Roberto Telles Sampaio**. Campinas: Rede Municipal de Educação Infantil do Município de Campinas, 2005.

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL/ SME. **Currículo em Construção da Rede Municipal de Educação Infantil de Campinas**. Campinas: Secretaria Municipal de Educação, Departamento Técnico Pedagógico, Coordenadoria de Educação Infantil, 1998.

DEMO, Pedro. **A educação pelo avesso: assistência como direito e como problema**. São Paulo: Cortez, 2002.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de & PALHARES, Marina Silveira (orgs.). **Educação Infantil pós LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados; São Carlos: Editora da UFSCar; Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Educação Pré Escolar e Cultura: para uma pedagogia da Educação Infantil**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Impressões sobre as creches no Norte da Itália: Bambini si diventa* in CAMPOS, Maria Malta & ROSEMBERG, Fúlvia. **Creches e Pré- Escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez: Fundação Carlos Chagas, 1994.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Lei Federal n.º 8068 de 13 de julho de 1990**, Brasil, 1990.

FILHO, Nelson Noronha Gustavo. **Meus amigos da FEAC**. Campinas: Artigo à FEAC, 1995.

_____. **Meus caros rotarianos**. Campinas: Artigo ao Rotary Club, 1996.

HOBSBAWN, Eric. J. **A Era do Capital: 1848 – 1875**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

KISHIMOTO, Tisuko M. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

_____. *Os Jardins de Infância e as Escolas Maternais de São Paulo no Início da República.* **Cadernos de Pesquisa n.º 64**. São Paulo: Fundação Chagas, fevereiro de 1988, pág. 57 –60.

KRAMER, Sônia Kramer. A política do pré-escolar no Brasil: arte do disfarce. São Paulo: Cortez, 1995.

KULMANN JR., Moysés. *Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899 – 1922).* **Cadernos de Pesquisa n.º 78**. São Paulo: Fundação Chagas, agosto de 1991, pág. 17 – 26.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro do. **Memórias da Educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas: Unicamp, Centro de Memória, 1999.

PINHEIRO, Francislei. **Profissão ou vocação: uma revisão bibliográfica sobre a profissionalização dos papéis maternos em relação às crianças de tenra idade.** Campinas, 2001.

RIZZINI, Irma. **Assistência à Infância no Brasil: uma análise de sua construção**. Rio de Janeiro: Universitária de Santa Úrsula, 1993.

ROSEMBERG, Fúlvia. A educação pré-escolar brasileira durante os governos militares. **Cadernos de Pesquisa n.º 82**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, pág. 21 – 30.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SILVA, Elisabete Rosa da. **A carreira e a formação das monitoras da creche do município de Campinas**. Campinas, SP, 2002.

SPES. **Plano de Ação da Entidade SPES – Serviço de Promoção Social São Paulo Apóstolo**. Campinas, 2005.

SPOSATTI, Aldaiza de Oliveira [et. al]. **Assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras: uma questão de análise**. São Paulo: Cortez, 2003.

TONOLLI, Maria Fernanda Simões. **As origens da educação pré-escolar pública municipal em Campinas**. Campinas, SP, 1996.

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Maternidade Negada* in DEL PRIORE, M. **.História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 1997, pág. 189- 220.

UNESCO. **Os serviços para a criança de 0 a 6 anos no Brasil: algumas considerações sobre o atendimento em creches e pré-escolas e sobre a articulação de políticas**. Brasília: UNESCO, Brasil, 2003.

Anexos

Roteiro de Entrevista

I - Questões relacionadas a função atual; tempo de serviço na creche e na função; descrição das atividades realizadas com as crianças; contato entre grupos;

1-Que tipo de trabalho você faz na creche?

2-Quantas horas por dia você trabalha?

3-Há quanto tempo você trabalha na creche? E na sua função atual?

4-Você sempre trabalha com o mesmo grupo de crianças?

Caso a resposta for negativa:

4.1 - Qual é a idade do grupo de crianças com a qual você trabalha mais diretamente?

4.2 - Quantas crianças têm neste grupo?

4.3 - Há quanto tempo trabalha neste grupo?

5-O seu grupo de crianças desenvolve alguma atividade junto com outro grupo? Qual? Em que circunstâncias?

6-Antes de começar trabalhar com este grupo de crianças, já trabalhou com outro? Por quanto tempo?

Caso a resposta for positiva:

6.1 - Por que mudou?

7-Você já exerceu outras funções na creche antes do seu trabalho atual? Quais? Por quanto tempo?

II - Questões relacionadas a formação das educadoras

1-Você ainda estuda?

2-Que curso está freqüentando ou em que curso parou?

3-Freqüentou algum outro curso?

4-Você já teve ou tem alguma experiência de cuidado com crianças fora do emprego (criar filhos, irmãos, sobrinhos, vizinhos, etc.)?

5-Quando você começou a trabalhar nesta instituição, o que lhe disseram que deveria fazer?

6. Houve alguma mudança quanto a esta função delegada a você?

7-A instituição ofereceu algum treinamento para você?

8-Você recebe alguma orientação no trabalho?

Caso a resposta seja afirmativa:

8.1 - Como e por quem é feita essa orientação?

8.2 - Com que freqüência?

8.3- A orientação que você recebe é com relação à quais tarefas?

III - Questões gerais

1. Qual é a função da creche?
2. Como se dá o atendimento à criança nesta creche?
3. O que é infância para você?
4. Quais os benefícios sociais que a creche traz para a criança e para a família?

Roteiro de Entrevista dos Pais de crianças da Creche Cenáculo/ CEMEI Dr. Roberto T. Sampaio - Jardim São Marcos:

I. Questões relacionadas à participação dos pais na Creche;

1) Quantos filhos(as) o senhor/senhora tem na creche?
2) Qual o nome deles? Que idade eles têm?
3) O senhor/senhora tem contato com a professora e/ou monitora que acompanha seu filho?
4) Procura saber como seu filho está se relacionando na Creche:

   4.1) com a professora?

   4.2) com as outras crianças?
5) Quem é responsável por trazer e buscar a criança na creche?

Caso seja a mãe ou o pai entrevistado:

5.1) Com que freqüência você o leva ou busca?

6) Participa das festas realizadas pela creche (ex. : Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, etc.)?

6.1) Auxilia na preparação destas festas?

7) Você costuma participar das reuniões de pais?

Caso a resposta seja positiva:

   7.1) Há espaço para sugestões e opiniões dos pais e familiares?

   7.2)Traz problemas e questões para serem esclarecidas?

   7.3) Na sua opinião estas questões são solucionadas?

II. Questões específicas

1) Antes de freqüentar esta creche seu filho já freqüentou alguma outra? Qual?

2) Com quantos anos ele entrou nesta creche?

3) A adaptação da criança foi tranqüila?

4) Por que você optou por esta creche?

5) Como você vê o tratamento dado ao seu filho nesta creche? Que tipo de trabalho imagina ser feito pelos educadores/professores?

6) Além do que é feito, o que você gostaria que fosse trabalhado pela creche?

7) Aconteceram melhoras na vida do seu(s) filho (s) após ter entrado na Creche?

8) Aconteceram melhoras na sua vida após ter colocado seu (s) filho (s) na Creche?

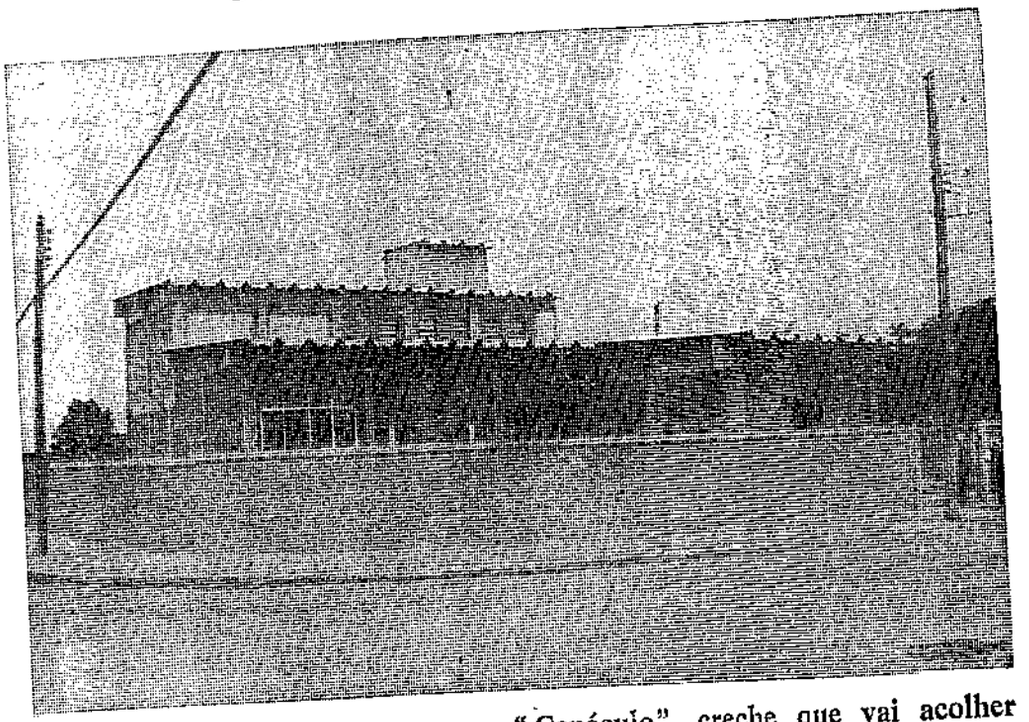
III. Questões gerais

1) Qual a função da Creche para você?

2) Para o senhor/ a senhora o que é ser criança?

3)Qual o papel do professor/ educador na instituição?

Cenáculo vai amparar oitenta crianças



No Jardim São Marcos ergue-se o "Cenáculo", creche que vai acolher gratuitamente 80 crianças em regime de semi-internato: das 7 às 17:30 h

No dia 27, às 10 horas, acontecerá a solenidade de inauguração da Creche "Cenáculo", no Jardim São Marcos, uma das comunidades mais pobres da cidade. Haverá missa solene, a ser celebrada pelo arcebispo de Campinas, d. Antônio Maria Alves de Siqueira, e naturalmente alguns discursos, além da presença de personalidades ligadas aos setores promocional e assistencial de Campinas. E, não faltará por certo, o idealizador e realizador do Cenáculo dr. Nelson de Noronha Gustavo, cuja atuação poderia servir de modelo aos que possuem condições de realizar algo de positivo e concreto em prol da infância de nossa terra.

A creche começará a receber inscrições na segunda-feira, para crianças de 4 meses a seis anos de idade. Condição básica para frequentá-la

Cô de Renato Carrara, a oração do qual sempre amei os pobrezinhos - Juliana

Meus Amigos da FEAC

Certo dia, falando do púlpito de uma igreja, não escrevi a oração, elevado pela beleza do tema religioso fui falando, interminavelmente, descuidado das horas, e invadi o horário da missa seguinte.

Estava empolgado, quando terminei para alívio dos presentes, minha querida Carminha, que Deus me levou, me repreendeu com razão, puxando-me as orelhas. Puxão de orelha de quem muito me amava não doeu.

Fui lembrado pelo Dr. Darcy - homem tão encantador que seria capaz de seduzir uma serpente que tentasse seduzí-lo, que eu teria cinco minutos para o agradecimento. Por esta razão o trago por escrito; se ultrapassar um pouco o tempo, me perdoe; invoco o texto biblico: Maria Madalena foi perdoada de seus pecados porque muito amou, e eu muito amei e amo os pobrezinhos.

Sejam as primeiras palavras de agradecimento a toda FEAC pela honraria que me é prestada, conferindo-me a Ordem do Mérito FEAC pelos serviços prestados à Campinas no terreno da filantropia. Como nos tempos de Sparta, na antiguidade, homenagearam um velho e este mais uma vez diz: muito obrigado.

Sempre trabalhando na mina da caridade tive o amparo da minha família, minha querida esposa Carminha foi voluntária no Clube de Mães no Centro Assistencial Romilia Maria e minha nora Célia trabalha há muito tempo no mesmo Centro, com muito amor, compondo, hoje, a Diretoria.

E os filhos e netos foram suporte importante animando-me com entusiasmo, contando ainda com o apoio irrestrito da Voileir Martins, como administradora da minha casa, preparando sempre quitutes deliciosos que eu levo aos favelados. Quem me levou aos pobres? Deus com a sua mão invisível. Como nos veio a mente o pensamento de ajudar os humildes? Estávamos às margens do Rio Paraná, assistindo ao por do sol, quadro lindissimo, as campinas de Mato-Grosso se desatam até o infinito, revelando a grandeza de Deus e o céu no poente é uma profusão de cores. É a hora da prece e do recolhimento.

A maravilha do entardecer nos assombra e de súbito nos lembramos das palavras bíblicas: que vale ao homem conquistar o mundo se vier perder a sua alma? A hora da caridade brotara dentro de nós. Ouvimos a chamada, sofremos de repente uma transformação interior, a metanóia, de que falam os gregos. Resolvemos por um sentimento irresistível, construir uma pequena igreja no local em que iria nascer a cidade planejada por Prestes Maia. A fé transpõe montanhas, vencidas as terríveis dificuldades financeiras, construímos a pequena ermida. E que alegria santa ao ver penetrar aos domingos na Igreja as mulheres vindas de todos os quadrantes do país, carregando os filhos mais com a força do coração do que com a força dos braços.

Em seguida, em Campinas, entrando numa conferência vicentina e começamos com os irmãos Ávila , na Vila Ipê, a socorrer na favela os pobrezinhos. Só tenho hoje um sentimento, não ter trabalhado mais pelos pobres. Completamos 84 anos e as forças agora estão combalidas.

Queremos apenas, entre os vários problemas da pobreza falar rapidamente sobre o menor abandonado, a menina dos olhos da FEAC.

Vivemos num mundo de turbulências.

Todos nós nos sentimos inseguros, quem é o grande culpado? A própria sociedade que se esqueceu do velho preceito: "o menino é o pai do homem"

A lição é de Häring, um dos grandes teólogos da Alemanha. Escreve ele: "A ponte do amor a Deus não alcança a margem da eternidade num só lanço; necessita do apoio intermediário do amor ao próximo. Nossa relação "Eu e Tu" só pode ser realizada neste mundo após havermos exercido de algum modo nossa capacidade de dirigir a palavra e demonstrar amor ao próximo. Quem poderá, pois, prever os perigos que ameaçam o futuro de uma criança que em virtude de circunstâncias lamentáveis se vê coagida a viver em ambiente destituído de afeição e que por isso mesmo não encontra meios para desenvolver em sua alma a capacidade de amar.

Enquadram-se aqui as palavras de S. João: "Aquele que não ama o seu irmão a quem vê, como poderá amar a Deus a quem não vê?"

Quando a neve cai sobre a estrada de nossa vida procuramos a Deus, de uma maneira incoercível, mas Deus é peremptório. Procure primeiro o teu irmão que me encontrarás nele. A criança esquecida, desprezada, muitas vezes perde a alegria juvenil, e assiste germinar em si a semente da revolta e de ódio. Como mais tarde amar a sociedade que nunca a amou? E aí temos, hoje, os perigosos marginais, frutos da nossa omissão e incúria.

Não nos esqueçamos que o Brasil apresenta, hoje, uma das maiores taxas de mortalidade infantil. É uma nódoa da nossa civilização. Que o diga o Dr. Jatene na sua área de saúde: assistindo ao espetáculo da procissão de crianças no caminho do cemitério em algumas regiões do país, as mães com os corações mortalmente feridos. Não é sem certa razão que escreveu um pensador francês: Só um imbecil poderá julgar-se feliz neste mundo quando se vê tanta miséria, tanta dor na face da Terra.

Encerra uma certa verdade uma poesia chinesa que assim canta a sua dor: a vida é um tapete em que os fios da alegria são poucos e numerosos os fios da tristeza, com que é tecido.

Vale a pena lembrar, agora, uma passagem da história romana: uma dama do sul da Itália vai a Roma visitar Cornélia ilustre romana, mãe dos graccos, que se tornaram famosos, e lhe mostra vaidosamente suas riquíssimas jóias. Pede em seguida à Cornélia que mostre as dela, mas, Cornélia toma-lhe as mãos e a conduz ao quarto de seus filhos que dormiam e lhe diz: "Eis aqui a minhas jóias".

O nome da dama perdeu-se nas brumas da história e o nome de Cornélia atravessou os séculos. Que ignominia : o tesouro das mães nos sepulcros e para sempre o espírito da dor cravado no coração das mesmas!

Lute, Dr. Jatene, defenda a vida dos pequeninos. Os economistas, na linguagem artificial - o economês, apresentam dificuldades .

Tinha razão um dos mais ferinos escritores da França, Chamfort, nascido em 1741, quando escreveu: "Os economistas são cirurgiões que têm um excelente escalpelo e um bisturi com bossa , operando maravilhosamente sobre os mortos, e martirizando o vivo".

A dama de ferro da Inglaterra, Margareth Thatcher, 1ª Ministra por muitos anos, manifestava um profundo desprezo pelos economistas ingleses, como informa Roberto de Campos em suas memórias. Conseguiram no Brasil levar a agricultura, com a implantação da taxa referencial, ao desespero, enquanto na Europa e Estados Unidos ela é subsidiada.

Digo e repito até que as pedras das calçadas acabem por repetir: muitas vezes o pobre sofre mais a falta de carinho, de amor do que a carência de bens materiais; querem ser tratados como filhos de Deus.

Muitos sofrem a solidão, que é um martírio. Cristo suou sangue no Jardim das Oliveiras quando se sentiu abandonado enquanto ele orava estava próxima a hora de sua crucificação.

Umas das metas da FEAC é desenvolver entre o nós o sentimento da solidariedade humana.

A FEAC luta hoje pela profissionalização do menor carente. Seria o único meio de tirá-lo das favelas, dando-lhe assim uma instrução básica, uma profissão bem remunerada, elevando o seu padrão de vida.

Nas escolas profissionais o menor aprenderia amar o trabalho e adquiriria o espírito de poupança.

Ganghofer, escritor da Alemanha, do século passado, em linguagem regional, apresentando a figura principal da novela - uma camponesa, assim se expressa: "Ela tem tanto amor ao trabalho que quando ela falecer as mãos dela trabalharão ainda uma hora".

Diferença de cultura. Sempre também me impressionou na literatura alemã o sentimento de poupança das famílias; o casal alemão poupa sempre e só com trabalho continuado e poupança é que conseguiremos uma moeda forte, vencendo a inflação, duradouramente,. De magias no Brasil estamos cansados.

Meus amigos.

A alegria do pobre foi a minha, a tristeza do pobre foi a minha. Aqueles a quem Deus deu dotes intelectuais devem aplicá-los na solução de extinguir no Brasil, os bolsões de miséria. Pobres sempre existirão na face da Terra, são como ondas do mar que batem há milênios nas praias, mas miseráveis é uma chaga no tecido social do Brasil e o tecido envenenado pode levar a conseqüências imprevisíveis.

Para bom entendedor meia palavra basta.

Nos últimos anos da vida caio de joelhos e rogo a todos aqueles que singram os mares na barca da caridade que levem a palavra de Jesus a toda parte e que a travessia lhes seja suave. Que apliquem sempre os talentos que Deus lhes deu na obra divina de suavizar a vida dos pequeninos - repito sempre.

Quando a minha filha Romilia morreu num desastre de automóvel, chegando ao local, ajoelhei, rezei, com a alma dilacerada, ao seu lado, um Padre-Nosso, pedindo a Deus que não me abandonasse, me mantivesse firme na fé, e me lembrando de súbito dos que sofrem, ofereci a Deus o sacrifício da filha, pedindo que suavizasse a vida dos pobrezinhos.

Esta festa maravilhosa é uma revoada de amor sobre a Terra amada de Campinas. As novas andorinhas, as primeiras partiram para sempre, cruzam e recruzam o céu de Campinas num gesto de amor para ajudar os pequeninos.

Onde fostes, Diretores da FEAC descobrir tantas andorinhas para esta revoada que ficará para sempre gravada em nossos corações? E a Diretoria responde: Na eterna alma da gente campinense que esconde tímida um tesouro fabulosamente rico de amor e de ternura. Forças se galvanizam, espíritos se mobilizam, corações pulsam rápidos todas as vezes que a nossa gente é convocada para lutar por Campinas.

Senhoras de Campinas, ensinai aos homens do Brasil, aos homens de todas as raças que em Campinas há corações que vibram por causas nobres, há educação cívica que ensina aqueles que despontam para a vida que a lei suprema é a solidariedade humana.

Campinas é uma fortaleza de cultura e inteligência e uma de suas torres mais altas será sempre a FEAC, defensora dos eternos princípios da civilização cristã.

Trabalhai, homens e mulheres de Campinas, trabalhai sempre na mina da caridade, duzentos séculos vos contemplam.

Campinas, 19 de agosto de 1995.

Nelson Noronha Gustavo Filho

MEUS CAROS ROTARIANOS

Sejam as minhas primeiras palavras de agradecimento aos rotārianos pela honraria que me ē prestada pelos trabalhos na ārea da filantropia.

Como nos tempos de Sparta, na antiga Grēcia,com carinho recebem em seu meio um velho de 85 anos quase feitos.

O velho diz, mais uma vez, muito obrigado.

Formado em Direito em 1.933 vim definitivamente para Campinas, onde o pai era Juiz de Direito.

Éramos,mais ou menos, cerca de quarenta e poucos advogados, "Todos os colegas partiram, fiquei sō".

Quando hoje entro no fōrum os mais novos pensam consigo:

Chegou o fantasma, a , assombração.

O fantasma, amigos meus, tem certas prerrogativas. Têm mais liberdade de palavras. Estā no meio dos homens, mas estā sō.

Pode dizer, sem rebuços, certas verdades.

E diz provērbio latino: Veritas parit odium, a verdade gera o ōdio: frase de Terencio, escravo romano e escritor. Preceito este que o latinista mineiro Artur Rezende lembra que ē repetido à moda mineira. "Mal me querem minhas comadres porque lhes digo as verdades".

Mas, não vou abusar da minha prerrogativa. Respeito as comadres, têm lînguas afiadas, na opinião de um compadre. E hoje ē dia de confraternização e de amōr. Hā quarenta anos trabalho na mina da caridade. Sempre me perguntam, como comecei. Repito o que tenho sempre dito. Quem me levou as pobres? Deus com a sua mão invisível.

Estāvamos às margens do Rio Paranā, assistindo ao pôr do sol, as Campinas de Mato Grosso se desatam atē o infinito, revelando a grandeza de Deus e o cēu ē uma profusão de cōres.

E a hora de prēce e do recolhimento:

A maravilha do entardecer nos assombra e de sūbito nos lembramos das palavras Bîblicas:

Que vale ao homem conquistar o mundo se vier perder a sua alma!

A hora da caridade soāra dentro de nōs.

Ouvimos a chamada, sofremos derepente uma transformação interior, a metanōia de que falam os gregos.

Resolvemos, levados por um sentimento irresistîvel, construir uma pequena Igreja no local em que iria nascer Panorama, cidade planejada por Preste Maia. A fē transpōe montanhas, vencidas as dificuldades financeiras construîmos uma pequena ermida.

E que alegria santa ao ver penetrar aos domingos as mulheres vindas de todos os quadrantes dos pais carregando os filhos mais com a força do coração do que a força dos braços.

Em, seguida voltamos a Campinas.

Numa conferência Vicentina, começamos com os irmãos Āvila, Antonio e Josē, homens santos, na Vila Ipē a socorrer os pobrezinhos.

Hoje, sôtenho um sentimento, não ter trabalhado mais pelos pequeninos. Prôximos dos 85 anos, a saúde está cambalida.

Trabalhei na Vila Ipê, no jardim São Marcos e em Sousas.

Vou me demorar um pouco narrando os trabalhos da Vila Ipê onde construímos um ambulatório e uma bibliotêca infanto-juvenil, que tem o nome de minha filha que partiu tão cêdo. Sempre procuramos na Vila Ipê assistir o menor abandonado.

O menor pobre, excluído, no Brasil é um problema muito sério.

Realmente, vivemos hoje num mundo de turbulências.

Todos nos sentimos inseguros. Quem é o grande culpado? A própria sociedade que se esquece da velha sentença:

O menino é o pai do homem.

É esta a lição de Häring um dos grandes teólogos da Alemanha que sempre lembro na minhas falas.

Escreve ele: "A ponte do amor a Deus não alcança a margem da eternidade num só lance; precisa do amor intermediário do amor ao próximo.

Quem poderá pois prevêr e julgar os perigos que ameaçam o futuro de uma criança, que em virtude e circunstância lamentáveis se vê coagida a viver em ambiente destruída de afeição e que por isso mesmo não encontra meios de desenvolver em sua alma capacidade de amar.

Enquadram-se, aqui, as palavras de São João: "Aquele que não ama o seu irmão a quem vê não pode amar a Deus a quem não vê".

A criança esquecida, desprezada, muitas vezes perde a alegria juvenil e assiste germinar em si a semente do ódio e da revolta: Como mais tarde amar a sociedade que nunca a amou. E hoje temos os perigos marginais frutos da nossa incúria e omissão.

Devemos praticar o bem com humildade e o coração alegre.

Ver no pobre o Cristo pobre, ele sofre mais com a falta de ternura e de carinho de seus irmãos na terra do que com a carência de bens materiais. Quer ser tratado como pessôa humana, com dignidade, pois foi feito à margem e semelhança de Deus. Sempre haverá pobre na terra, são como as ondas do mar que batem a milênios nas praias. Quantas vezes à noite não interpelamos a Deus, porque permitis tanto sofrimento, tanta dôr, tanta pobreza, não sois todo poderoso? Mas em seguida caio em min e reconheço que os seus caminhos são indevassáveis, que a nossa inteligência é limitada. Somos, como escreveu Pascal, um caniço pensante. A nôs compete, apenas ajudar o irmão pobre, amá-lo e combater toda forma de escravidão.

Não nos esqueçamos que o Brasil apresenta hoje uma das maiores taxas de mortalidade infantil do mundo. É uma nôdoa da nossa civilização.

É uma distribuição de renda das mais baixas das nações.

Falemos da Vila Ipê - do Centro Assistencial Romilia Maria. Nele trabalhou até o fim de sua vida como voluntário o Dr. Eduardo de Almeida que galvanizou a gente campineira paconstrução do novo prédio da maternidade.

Os pequeninos da Vila Ipê foram quase a sua razão de sêr.

Os meus amigos vão ouvir uma tocante lenda do Ceará que retrata bem a bondade deste filho da Bahia, o Dr. Eduardo de Almeida.

Vivia no sertão do Ceará um médico bonîssimo, passava a vida ao lado dos pobres e humildes, praticando o bem.

Um dia a região é assolada por um sêca inclemente, prolongada, mortal; homens e mulheres vão pelas estradas em longas e tristes filas fugindo à morte.

Muitos ficam pelos caminhos. O bom homem cearense assiste a tanto sofrimento, tanta lágrima que não resiste e morre, levado pela dôr que o despedaça; São Pedro o espera no céu, é recebido com alegria, com músicas celestiais. Mas o bom filho do Ceará fica num canto, obsorto, como que alheio a tudo, alheio àquele estado de bem aventurança que reina no Paraíso, permanece num canto "jururu".

São Pedro fica impressionado e pergunta-lhe se alguma coisa o está pertubando, pronto para remover a causa. E o Cearense responde: "São Pedro tudo qui no céu é maravilhoso, mas sinto uma saudade infinita do Ceará, dos meus irmãos que lá ficaram".

Não tenhamos dúvidas: O Dr. Eduardo de Almeida revelaria seu estado de alma, a preocupação pela sorte dos pequeninos na Vila Ipê. Foi um gigante da bondade humana.

Preocupado com as crianças da Vila Ipê construímos lá dois prédios. Um destinado a Ambulatório, outro a uma Bibliotéca infanto-juvenil.

A Bibliotéca para despertar nos jovens o interesse pela leitura sã, para forjar caracter, para moldar verdadeiros homens.

E tivemos a oportunidade de pronunciar mais ou menos as seguintes palavras.

Todos os Estados do Brasil com as suas diferenças regionais estão ligados entre si por uma túnica inconsutil que é o grande amor à Pátria comum.

É o símbolo deste amor a - bandeira do Brasil - lança a sua sombra sobre todos os nosso território tremulando impávida no coração de todos os brasileiros.

E dizia e insistia que esta bibliotéca com a força de um vulcão lance nos corações dos que frequentaram lavas de amor pelas nossas causas levando-os a pensar sempre na grandeza do Brasil.

Lembrava a todos que o Brasil tinha e tem muitos problemas angustiantes e para resolve-los tomassem todos, sem distinção de classe e posição, a consciência viva de seus deveres enquanto clamassem pelos seus direitos. Os seus direitos vamos defende-los com a cabeça erguida, com a altivez, exigindo e não implorando, não rastejando e, sim, com dignidade, diziamos nós.

Lembremo-nos sempre das palavras de Von Kleist, literato da Alemanha;
"Quem anda de rastros como um verme não deve queixar-se de que foi calcado aos pés".

Trabalharam ainda no Centro Assistencial Romilia Maria prestando relevantes serviços o Dr. Nyder Otero e sua Senhora, O Dr. Clemente Holtman e outros médicos e um grupo de dentistas sobressaindo-se entre eles. José Pronviciali, este um dos homens mais bondoso que encontrei na minha vida, os seus gestos de doação pessoal para narra-los não caberiam num livro só. O seu coração era o palácio dos pobres. Como disse São João Batista referindo-se a Jesus: não seria digno de desatar as suas sandálias.

No clube de mães trabalhou muitos anos minha saudosa esposa Carminha que puxava as minhas orelhas quando eu falava muito, mas puxão de orelhas, de quem muito me amava, não doía.

No clube de gestantes trabalharam até o fim as Senhoras Clelia Siqueira e Laura Terezinha Silva Camargo, com muita dedicação.

Poderia narrar aos rotarianos, casos muito interessantes acontecidos na favela da Vila Ipê, mas vou narrar apenas uma.

Na Vila Ipê havia uma preta adiantada em anos, que pela morte de sua filha e genro

assumiu a criação dos netos. Era um exemplo de energia e dedicação. Não esmorecia. Trabalhava sem cessar para cria-los. Os Vicentinos adoravam a velhinha humilde e corajosa. Um dia fomos levar a sua quota de alimentos e adentrando o barraco vimos uma cêna que nunca mais se apagará da memória.

A avó com uma doçura quase celestial penteava a netinha. Que ternura infinita! Esta sentada no chão, a avó na beira do catre. Havia na atmosfera um transbordamento de amor.

A avó e a Neta formavam um quadro bíblico, correntes de amôr cruzavam-se entre duas. Havia um élo divino na choupana. Era Deus derramando amor.

Ficamos tão sensibilizados que um amigo, Dr. João Luiz Teixeira de Camargo, mandou pintar a choupana de Dona Augusta e deu-me o quadro de presente.

Com muita razão escreveu um teólogo alemão que uma aldeã simples, analfabeta, está mais próxima de Deus do que um filosofo cheio de erudição.

Anos depois tenho a mesma sensação visitando Lino Tato companheiro da FEAC que estava doente.

Entrei preocupado, nervoso.

Passados alguns minutos, de Lino Tato e familiares, não sei como explicar, irradiavam ondas de amôr, de ternura e carinho, transformando aquele lar num canto do céu. Deus que é amôr habita aquela casa.

São "os eleitos de Deus", senti-me enlevado, transportado nas asas da bem aventurança. Uma alegria divina cantava dentro de mim.

Deus morava no coração de Lino Tato - tal a doçura de suas palavras.

Estou convencido que um bom coração é o maior tesouro na face da terra, fonte dos mais puros sentimentos.

Hoje o Centro Assistencial Romilia Maria é dirigido por um grupo de Senhoras, sob a presidência de Esther Amaral Magalhães, que conduz o barco com perícia e amôr.

Fiquei, apenas na comissão de contas.

É um grupo ativo, que se dôa muito. Além de Esther Amaral Magalhães compõem a Diretoria as seguintes senhoras. Diana Villela, Ana Lúcia Bonato, Célia Maria da Silva Noronha Gustavo, esta minha nora, Cecília Silveira Aboim Gomes e Lúcia Lazari Alves.

A minha neta Celinha como voluntária dá aula de ginastica ás meninas e velhinhas do bairro com grande alegria.

Que Deus nosso Pai lhes de bastante força singrarem os mares da caridade, ouvindo sempre a voz de Jesus. "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei".

Mais tarde no jardim São Marcos, agora com ajuda da FEAC, construímos em nome do Cenáculo Empreendimentos Sociais Católico um Ambulatório e uma Creche.

O jardim São Marcos era um bairro muito pobre e violento. Até hoje me lembro e sorrio; em pleno trabalho no ambulatório disse á enfermeira Arlete: Tencioso fundar aqui um curso de cabeleireira para mulheres.

Ela pulou para dentro da sala e disse rápido: se o senhor fundar este curso até casamento vai acontecer no São Marcos.

Lembrei-me de uma senteça inglesa;

"As mulheres têm a idade que mostram, os homens tem a idade que sentem".

O curso foi instalado.

Trabalháram no São Marcos até o fim, no cenáculo, os médicos:

Como dentista trabalharam entre outros, até o fim, Cristiane Lacerda e Valdir Sabino e ainda José Provenciali.

Também trabalhou até o fim o rotariano Dr. Boldrini, bondoso e muito paciente. Terminando os seus trabalho ao entrar no seu carro de volta surgia um retardatário, voltava calmo e o atendia com bom humor dizendo sempre: Os últimos serão os primeiros.

E na história do jardim São Marcos nunca poderá ser esquecida a chinesa Jane Sieh.

Ela se apresenta em minha casa falando com dificuldade o português, queria realizar obra social no jardim São Marcos com as meninas do bairro e pedia a nossa cooperação; tinha-mos construído o ambulatório . Deslumbrei em Jane Sieh uma mulher de vontade de ferro. Combinei com os médicos e dentistas entregar a Jane dois espaços durante dois a três dias por semana para que ela desenvolvesse o seu sonho acalentado com tanto amôr; inteligente, enérgica com muita iniciativa desenvolveu um trabalho maravilhoso.

O clube da primavera é conhecido hoje em todo o Estado de São Paulo galvanizando a Sociedade Campineira, é um exemplo para todos.

Hoje trabalha em prédio próprio.

Uma ponte de amôr por ela construído entre a China e o Brasil. Uma aristocrata no agir e no pensar. Trabalhava hoje com mais de duzentas meninas desenvolvendo a profissionalização no trabalho.

Passamos a Créche ao Padre Lauro Sigrist e o Ambulatório a Prefeitura a pedido dos mesmos.

Veio-nos á mente as palavras de Goethe, há hora de começar e hora de parar.

Vamos, agora ao Sanatório Candido Ferreira, que como presidente dirigimos 19 anos com companheiras admiráveis.

Não podemos esquecer nunca as colaborações de três companneiros na Diretoria.

Mambrini, Manoel Henrique e Ana Lopes de Almeida, que constituiram alicerces insuperaveis. Dedicaram-se de corpo e alma as Sanatório.

Mambrini viveu para o Sanatório.

Nesta administração pagamos todos os nossos pecados: passados, presentes e futuros.

Com verbas irrisórias dos governos tínhamos que vencer quase intransponíveis barreiras financeiras. Doente mental pôbre não dá voto. A prefeitura nos propôs uma administração conjunta composta de associados do Sanatório e de técnicos da Prefeitura. Foi aceita a sugestão.

Fui substituído na Presidência pelo querido amigo Antônio Orlando, que hoje carrega a cruz como o fez Cirineu no Evangelho, ajudando os doentes a carregarem a cruz das suas desordens mentais.

A vida do doente mental é muito triste. Muitos não recebem se quer a visita de seus familiares. Machuca o nosso coração ouvir o doente mental gritar: Quero a minha mãe. A solidão é terrível, lembremo-nos de Jesus no jardim das Oliveiras, pouco antes de ser crucificado, abandonado pelos Apóstolos que dormiam em quanto ele orava; sentindo-se só, suou sangue.

A solidão é uma tortura moral.

Uma vez, o meu companheiro de Diretoria Guilherme de Campos, enérgico e decidido vice presidente, tomou uma medida radical na minha ausência:

Um doente mental tivéra alta, pelo médico, a sua permanência no Sanatório sera prejudicial ao mesmo, não havia razão para permanecer, mas, a sua família egoísta não quis recebe-lo. Campos tomou uma decisão enérgica; colocou o paciente que tivera alta numa am

bulância e o deixou na casa dos parentes, cumprindo à risca o conselho do médico.

Os irmãos foram à policia e pediram abertura de inquérito policial por abandono de doente.

O promotor pediu o arquivamento do processo. Perguntava então a mim mesmo: Fico sem dormir, por causa do Sanatório, a minha diabête se agrava, adianto verbas e acabo sofrendo castigo.

Consolei-me lembrando de Jesus, quando injuriado e esbofetado por um algoz, lhe diz: Vós me odiais porque eu sou bom.

Já na antiga Grécia, Aristides o homem mais justo de Atenas, foi condenado ao ostracismo. Interpelado por um cidadão Ateniense porque votará pelo ostracismo de Aristides, vitima de intrigas políticas, ele respondeu: estou cansado de ouvir que ele é justo. Na Grécia antiga passou-se a usar a palavra Aristides para designar o homem justo: Ele é um Aristides, é um justo. Contradições da alma humana.

Voltamos parar aqui, o relatário das administrações, seria longo.

Mas, agora, permitam-me fazer umas considerações gerais, frutos da experiência.

O Brasil tem hoje um dos maiores índice de mortalidade infantil do mundo e uma distribuição de renda que nos coloca na posição dos que mais sacrificam os pobrezinhos, os excluídos. É uma mancha da nossa civilização, já o disse.

O ministro Jatene procura por todos os meios melhorar a condições de saúde do menor. Encontra dificuldade de toda ordem, negam-lhe recursos sob todos os pretextos. Eis o quadro lugubre; procissões de crianças no caminho do cemitério em algumas regiões do pais , as mães com os corações mortalmente feridos.

Vale apenas lembrar, agora, uma passagem da História Romana: Uma dama do sul da Itália vai a Roma visitar Cornelia, ilustre romana, mãe dos graccos que se tornaram famosos. Mostra vaidosamente suas riquíssima jóias. Péde em seguida à Cornelia que mostre as dela, mas, Cornelia toma-lhe as mãos e a conduz ao quarto de seus filhos que dormiam e lhe diz: "Eis aqui as minhas jóias".

O nome da dama perdeu-se na brumas da história e o nome de Cornelia atravessou os séculos. Que ignominia! O tesouro das mães no sepulcro e para sempre o espinho da dôr cravado no coração das mesmas.

A atual política econômica e financeira do Governo provocando um cruel desemprego com as suas graves consequências é a responsável pelo sofrimento das classes pobres provocando o aumento dos excluídos.

Não é ético e moral que se queria estabilizar a economia de um País, levando milhões de brasileiro ao desemprego.

Uma minoria não deve ser terrivelmente sacrificada para salvar a maioria.

Repugna àconsiência humana.

Vamos modificar o antigo problema malicioso.

"Deus me livre dos meus amigos que dos meus inimigos me livro eu".

Façamos uma modificação "Deus me livre dos economistas, dos meus inimigos me livro eu".

Tinha razão um dos mais queridos escritores da França Chanfort, nascido em 1741, quando escreveu: "Os economistas são cirurgiões que têm um excelente escalpelo e um bisturi com bossa operando maravilhosamente sobre os mortos e martirizando os vivos".

A dama de ferro da Inglaterra Margaret Thacher, primeira ministra por muitos anos

manifestava um profundo desprezo pelos economistas como nô-lo informa,Roberto de Campos em suas memórias.

Só num pais de macunaima poderia surgir a idéia de incentivar a importação e restringir a exportação, como meio de estabilizar a moeda valorizando o real ficticiamente por muito tempo. A magia não durará por tempo, contradiz a natureza das coisas.

Já diz um provérbio francês: "Expulsai a natureza pela porta, ela voltará pela janela". O remédio aplicado pôr muito tempo torna-se veneno e mata o doente. A moeda só se fortalece pelo trabalho e poupança. O pais sociedade deve trabalhar duro e poupar para investir, criando riqueza e emprego.

Estão investindo no Brasil, com muita cautela os países que têm poupança.

Gaughofer, escritor da Alemanha, do século passado, em linguagem regional apresentando a figura principal da novela assim se expressa: "Ela tem tanto amor ao trabalho que quando falecer as suas mãos trabalharão ainda por uma hora".

Diferença de cultura, sempre me impressionou na leitura alemã, o sentimento de poupança das famílias.

Quando jovem, lembro-me: o jornal "O Estado de São Paulo" republicou uma charge estampada num jornal americano. Os Estados Unidos sofriam uma recessão terrível, desemprego total.

Na charge o Presidente dos Estados Unidos para combater o desemprego mandou construir em Washington uma ponte gigantesca contratanto mil operário, concluindo a ponte ele mandou cavar a terra para passar um rio.

Queria emprego de qualquer maneira. Os nossos iluminados fazem o contrario, provocam um desemprego apocalíptico, leva uma parte do povo ao desespero, à absoluta miséria, e a fome é má conselheira. Cresce assustadoramente o crime, o crack, a maconha são fumados a céu aberto nas favelas, traficados nas barbas da polícia: É a fuga para esquecer a absoluta miséria.

Bernard Shaw, gênio da Inglaterra tinha razão quando escreveu: "Quem sabe faz, quem não sabe vai ser professor". Provavelmente de sociologia.

O ministro Motà verberou com graça as manifestações "Sociológicas" no governo.

Na opinião de Delfim Neto, só uma classe teve o emprego fortalecido com a atual política: Os psiquiatras.

Os empresários disputam vagas para cura de suas neuroses. Tem pesadelos horríveis; estão sendo triturados pelos dentes do ministro Malan.

Uma classe, que está com emprego garantido são os Vicentinos diz o presidente da minha conferência - Paulo Santos.

Não esta fácil atender a onda de necessitados. E o Governo Federal faz tudo pelo social. Diga o Bentinho que deixou o cargo.

Na realidade o Brasil precisa mais do que nunca desenvolver profissionalização. O que fez o Japão tornar-se a 2a. potência econômica do mundo, ainda que vencido na guerra.

Com o avanço da tecnologia industrial cresce a tendência à diminuição de empregos. É um truismo hoje. Preparamos as novas gerações para o grande desafio que ameaça o mundo, não tem sentido com o plano econômico, multiplicar o desemprego, artificialmente, com a ancora cambial, como se já não houvesse o emprego provocado pela máquina, pelos robôs A FEAC , onde tenho amigos admiráveis luta hoje pela profissionalização do menor carente.

Seria o único meio de tira-lo das favelas dando -lhes ao lado de uma instrução básica,

a oportunidade de aprender uma profissão bem remunerada, elevando o seu padrão de vida mais tarde.

Antes de terminar quero me manifestar sobre a solidariedade humana, hoje em dia.

Lemos numa revista alemã Der Spiegel do dia 13/11/89 o seguinte trecho que traduzimos. "Quase todo o dia a solidariedade desaparece. Uma mulher é atropelada na Avenida Paulista e durante horas permanece ferida na rua sem que ninguém a ajude".

O fenomeno se generaliza. Um jornalista alemão publica um livro que é best seller na Alemanha sob o título - Der Erliche ist der dumme, isto é ,"o honesto é o bobo", revelando a corrupção no mundo inteiro, e a quebra da solidariedade. Que ninguém o traduza no Brasil: Já nos basta a cena do anãosinhos do orçamento, a vida de muitos diretores de Bancos, de políticos que acertam na loteria duzentas vezes com a ajuda de Deus, com a saga P.C. Farias.

Ele nos informa numa pesquisa feita na Alemanha sobre o sentimento de solidariedade sob o título:

"Que o povo opine sobre a questão: no meu lugar cooperar para formar uma melhor sociedade".

Em 1974, 46% votaram a favor.

Em 1992, só 30 %

A queda foi impressionante.

Isto na Alemanha que o culto professor Miguel Real considera talvez o pais mais culto do mundo em um artigo publicado no Estado de São Paulo no dia 20/04/96.

É num pais em que os operários têm remuneração.

Estamos passando por uma crise de transformação de valores, como escreveu Wickert citado no livro.

Responsável em grande parte é a televisão - que trabalha nas suas apresentações pela dissolução, das famílias, pelo desprezo dos valôres morais.

O professor Vicente Ráo, jurista intelegentíssimo, disse-me certa vez: "Menino, se você esfregar a pêle do homem moderno vai encontrar o troglodita, o homem da caverna".

Comprovam esta declaração as chacinas dos menores e indefesos excluídos do Brasil , chacina que abalam as nações.

Todas as vezes que os valores éticos do cristianismo são enfraquecidos surgem, fissuras no tecidos social e ressurgem ódio atávicos: Seus princípios morais ruírem será o apocalipse.

Minhas últimas palavras.

Três demônios habitam a nossa alma - O egoísmo, a vaidade e o orgulho, que disfarçados dirigem nossos atos, contra estes sentimentos devemos lutar energicamente.

Na verdade, no fundo da nossa alma, como no fundo da terra, ha minas de metais preciosos, ha, escondido, muito amor. Para conseguir atingi-lo devemos destruir as rochas do egoísmo da variedade e do orgulho.

Vencidas estas rochas, o amor nos invadirá e teremos a felicidade de sentir Deus dentro de nós.

Devemos sempre trabalhar na mina da caridade, pois, ela é o único tesouro que aumentamos dividendo-o.

O toque do verdadeiro cristão é dar, não oferecer.

Lacordaire já sentenciava com sabedoria. "Não é o gênio, nem a gloria, nem o amôr que medem a elevação da nossa alma; é a bondade".

Sempre me norteei pelos princípios da moral. Não devemos considerar o homem como um bloco metálico, a igualdade de riquezas preconizada pelos economistas, como supremo ideal é fruto de errônea observação da humanidade. Esta não pode ser interpretada unilateralmente. Soberbo tem sido nos últimos tempos o progresso das ciências físicas e químicas.

A preocupação do homem moderno é o conforto e riqueza. Não se interessa o homem econômico com a saúde da inteligência e dos sentimentos afetivos.

Esta observação arrancou a Carrel uma pagina de profunda sabedoria. Valeria mais ocupar-nos de nós próprios do que construir telescópios para estudar a estrutura de nebulosas, barcos mais rápidos e automóveis mais confortáveis.

Realmente, caros rotários, a humanidade precisa refortalecer-se nas fontes eternas da moral para não ser tragada pela própria civilização que construiu. Ha nos tempos que correm um culto e idolatria pela técnica. Desvio da Inteligência humana. "Atentai nas palavras de Stefan Zweig": em que pese a nossa admiração pela técnica não podemos esperar dela uma grande contribuição ao progresso moral da humanidade. É frequentemente um elemento de morticínio. O fato de poder uma maquina executar o trabalho de mil homens não a torna mais humana, pode ter em si a força de cem mil Watts, mas a força sozinha não faz progredir a humanidade, embora elevada a potência não é menos criadora do que uma simples ação humana ou uma idéia.

Ninguém melhor que Dom Aquino Corrêa soube expressar este sentimento revelando na sua linguagem as belezas de uma pagina da literatura francesa.

"Foi durante o cerco de Arras, numa madrugada côr de rosa no Bivaque dos cadetes da Gasconha".

Rompera a alvorada, um estrondo de canhão, rufos de tambores pelo campo.

Levantam-se os cadetes, mas todos tão pálidos, tão magros que parecem morrer da fome que impêra no acampamento.

Um só grito: Tenho fome.

Este pede pão. Aquele ameaça retirar-se como Aquiles na sua tenda, por fim exclamam. Basta, revoltemo-nos.

A esta voz o comandante Castel Jaloux clama em socorro o prestigio de Cyrano de Bergerac, mas nem este com todo seu espirito a cintilar em remoques e trocadilhos, consegue reeguer o animo dos jovens soldados. Que fez ele então?

Vem cá Bertrandou, velho pastor, tocador exímio dos nossos bosques, vem modular para este rancho de famintos e glutões as áreas de Lanquedoc distante.

E o ancião se põe a tocar, ao som da flauta sentem todos passar em visão nostálgica o pais saudoso da Gasconha; são os vales, são as planícies, é o pastorzinho moreno com seu gorro vermelho, é a doçura das tardes sobre as águas do Dordonha. E Bergerac conclui: ecoutez: C'est tout la Gascogne.

E os cadetes debruçados as fontes sobre o peito, olhavam as belezas da terra natal porque se batem e enxugam furtivamente na manga as lagrimas da saudade. Mas eis que no mesmo instante a um sinal de alarme erguem-se todos, transfigurados, esquecidos já da fome e do sofrimento, prontos como heróis a encontratrem a morte na defesa da pátria. Tal é o milagre do novo humanisno. A humanidade, mortalmente a juventude sente-se não raro abatida por esta fome de ilusões e vaidade, fome de bens terrenos que agitam por aludir a uma expressão de Bernerac, as viceras inferiores.

E o papel mais importante do néo-humanisno ha de ver, certamente, como flauta do Za-

gal da Gasconha elevar os sentimentos humanos, dando-lhes por sêde órgão mais nobre ou seja a razão e a vontade onde reside o caracter e fulguram os heroîsmos.

Meus amigos.

A alegria dos pobres foi a minha, a tristeza dos pobres foi a minha, sinto agora as sombras da velhice adessarem sobre mim, retiro-me ao silêncio esperando que Deus me chame para minha filha Romilia que partiu tão cedo dessa vida e me chame para minha mulher que muito me amou. E uma confissão.

Quando minha filha Romilia morreu num acidente de carro cai de joelhos no local, pedi a Deus para que não me fizesse perder a fé, fôra durante golpeado. De sûbito me lembrei dos pequeninos que sofrem e pedi a Deus, oferecendo o sacrifício da filha, que aliviasse a vida dos pobrezinhos.

Campinas, Maio 1976

NELSON NORONHA GUSTAVO FILHO.

conhecido como 'o bom samaritano': o protetor dos pobres. Correio Popular, Campinas, 25 dez. 1999.

O protetor dos pobres

Nelson Noronha Gustavo Filho

médico, advogado, político e escritor era conhecido como 'o bom samaritano'

A personalidade de Nelson Noronha Gustavo Filho é dessas que se fixaram com nitidez na memória da cidade. Para sempre.

Faz dois anos que ele partiu, serenamente, deste mundo. Tinha 86 anos, continuava ativíssimo e muito lúcido, a cabeça repleta de novos planos, e possuía aquele *savoir faire* que distingue o perfeito cavalheiro, o homem finamente educado, do sujeito comum. Conversar com ele era um prazer de espírito. Sua memória perfeita evocava fatos antigos, aspectos de uma cidade que não existia mais, perfis de personagens, que passaram, Mas, o doutor Nelson também falava do presente e do futuro.

Advogado, juiz de Direito, político do tempo em que ser político era sinônimo de honradez e dedicação absoluta à causa pública, muito viajado, tinha notável formação humanística, com forte influência germânica. Falava inglês e alemão muito bem, e as literaturas européias lhe eram familiares.

Os bens materiais, o prestígio social, a cultura estavam nele a serviço da pobreza. Nunca se viu tanta dedicação e carinho para os desvalidos, nem tanta paciência, compreensão e boa vontade com as obras de benemerência, como naquele homem culto e bem nascido, que faria bela figura nos meios mais refinados do Brasil e no estrangeiro.

CULTURA

Resumindo sua vida tão plena de exemplos: nasceu em Bauru, SP, em 11 de Agosto de 1911. Estudou no Colégio Nogueira da Gama, de Guaratinguetá, e no ColégioAteneu Paulista, Campinas. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1933.

Pertenceu à Academia Campinense de Letras, ocupando a cadeira 35, tendo como Patrono D. Francisco Aquino Correia.

O doutor Noronha Gustavo tomou parte ativa no movimento de reconstitucionalização do Brasil, durante a ditadura Getúlio Vargas, fundando em Campinas o Comitê Pró-Eduardo Gomes. Um dos fundadores da UDN, da qual foi seu primeiro presidente em Campinas. Vereador à Câmara Municipal de Campinas.

TRAGÉDIA

Conhecendo os problemas sociais, que angustiavam nosso povo, preocupava-se não apenas com a ajuda material, mas com o apoio espiritual. Deste seu empenho em ajudar, nasceu um complexo de obras culturais e assistenciais, incluindo cursos de alfabetização, aulas de apoio aos alunos menos favorecidos, creche e fornecimento de livros.

Um dia, a tragédia. A morte de sua filha Romília Maria, em acidente de carro, na esquina da Rua Carolina Florence com 1º de Março. Morte instantânea da jovem de apenas 24 anos, tragédia que demonstrou a conformidade cristã daquele pai admirável. Ainda que sofrendo atrozmente, o doutor Nelson, avisado do acidente, correu ao local, e ajoelhou-se em plena rua, orando junto à filha morta.

Em sua memória, fundou um modelar serviço de atendimento à pobreza, na Vila Ipê, no Jardim São Marcos (Cenáculo) e em vários bairros da cidade.